

DITOS SOBRE EVASÃO ESCOLAR

ESTUDOS DE CASOS NO ESTADO DA BAHIA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Projeto de Educação Básica para o Nordeste
Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
Paulo Renato Souza

SECRETÁRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL
Iara Glória Areias Prado

PROJETO DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA O NORDESTE
DIRETOR NACIONAL
Antônio Emílio Sendim Marques

COORDENAÇÃO DE PROJETOS ESPECIAIS
Maristela M. Rodrigues

Série Estudos

A SÉRIE ESTUDOS apresenta ensaios e pesquisas realizadas no âmbito do Projeto de Educação Básica para o Nordeste. As principais informações levantadas visaram ao desenvolvimento de políticas para a melhoria da qualidade da educação no Nordeste brasileiro. As conclusões e interpretações expressas nesta publicação demonstram as opiniões dos autores e não exprimem, necessariamente, a posição e as políticas do Ministério da Educação e do Desporto, do Projeto de Educação Básica para o Nordeste, do Banco Mundial e do Unicef.

Esta obra foi editada e publicada para atender a objetivos do Projeto de Educação Básica para o Nordeste, em conformidade com os Acordos de Empréstimo Números 3604BR e 3663 BR com o Banco Mundial.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a autorização do

Projeto de Educação Básica para o Nordeste — MEC/BIRD

DITOS SOBRE A EVASÃO ESCOLAR

ESTUDO DE CASOS NO ESTADO DA BAHIA

Paulo Roberto Holanda Gurgel — UFBA

Adélia Luíza Portela — UFBA
Eni Santana Barretto Bastos — UFBA
Coordenadoras Estaduais do Estudo

BRASÍLIA, 1997

©1997 Projeto Nordeste
Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida desde que citada a fonte
e obtida autorização do Projeto Nordeste — MEC/BIRD.

Série Estudos, Nº 2

Gurgel, Paulo Roberto Holanda

Ditos sobre a evasão escolar:
estudo de casos no estado da Bahia /
Paulo Roberto Holanda Gurgel. — Bra-
sília: Ministério da Educação e do
Desporto. Projeto de Educação Básica
para o Nordeste, 1997.
54 p. — (Série Estudos; n. 2)

1. Evasão escolar — Brasil — Bahia
I. Ministério da Educação e do Desporto
II. Projeto de Educação Básica para o
Nordeste

CDD 371.2913

Projeto Nordeste
Via N1 Leste, Pavilhão das Metas
Brasília-DF — 70150-900
Fone: 316-2908 — Fax: 316-2910
E-mail: projetonordeste@projetonordeste.org.br

Projeto Gráfico e Texto Final
Francisco Villela
Capa
Alexandre Dungal Pereira

IMPRESSO NO BRASIL

P R E F Á C I O

Este estudo foi realizado por recomendação do Grupo Consultivo do Programa de Estudos e Operacionalização de Políticas Educacionais (PPO) com o objetivo de aprofundar questões relativas ao fenômeno da evasão escolar que se constitui, segundo indicadores estatísticos, em um dos mais graves problemas educacionais da região Nordeste.

Trata-se de um estudo de casos, que vem complementar o trabalho Escola, Educação e Comunidade — um estudo piloto na Bahia (Série Estudos nº 1), concentrando-se exclusivamente no processo de evasão escolar entre jovens da população de classes populares na região Nordeste. Constitui o cerne desse estudo o registro das percepções de jovens e de famílias de populações de baixa renda sobre as barreiras que impedem ou dificultam a permanência na escola, as perspectivas de fracasso e sucesso escolar, a importância e valorização da escola, e o fenômeno da evasão.

Os resultados aqui apresentados constituem uma importante contribuição para melhor compreensão da problemática em discussão e, conseqüentemente, deverão fomentar o planejamento de políticas educacionais públicas que objetivem assegurar ao jovem nordestino o direito à educação. Esse estudo traz, além de uma revisão não exaustiva da literatura sobre o fracasso escolar, publicada em periódicos entre os anos de 1985 e 1995, um conjunto de sugestões aos gestores de políticas educacionais.

O Projeto de Educação Básica para o Nordeste, do Ministério da Educação e do Desporto, em nome do Banco Mundial e Unicef, agradece ao consultor Paulo Roberto de Holanda Gurgel pela elaboração deste estudo, assim como à professora Adélia Luíza Portela e à professora Eni Santana Barreto Bastos pela especial cooperação na orientação e aprofundamento deste trabalho.

SUMÁRIO

	RESUMO.....9
	ABSTRACT.....10
1	INTRODUÇÃO.....11
2	METODOLOGIA DA PESQUISA.....12
2.1	AValiação DO BENEFICIÁRIO.....12
2.2	DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA.....13
2.3	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....14
2.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....14
2.5	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS.....15
3	ANÁLISE DOS DADOS.....16
3.1	O DISCURSO DOS JOVENS SOBRE A EVASÃO.....16
3.2	O DISCURSO DOS JOVENS SOBRE A ESCOLA.....22
3.3	O DISCURSO DOS JOVENS SOBRE O FUTURO.....26
3.4	O DISCURSO DOS PAIS SOBRE A EVASÃO DOS FILHOS.....30
3.5	O DISCURSO DOS PAIS SOBRE A ESCOLA.....35
3.6	O DISCURSO DOS PAIS SOBRE O FUTURO DOS FILHOS.....39
4	PRINCIPAIS ACHADOS42
4.1	SOBRE A EVASÃO ESCOLAR.....42
4.2	PERCEPÇÃO SOBRE A ESCOLA.....43
4.3	PERCEPÇÃO SOBRE O FUTURO.....45
5	PROPOSTAS DE AÇÕES.....46
5.1	RECUPERAR AS INSTALAÇÕES FÍSICAS DAS ESCOLAS URBANAS.....46
5.2	FORTALECER O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES NA IMPLANTAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS.....47
5.3	INSTITUIR A FIGURA DO AGENTE EDUCACIONAL.....47
5.4	CRIAR BOLSAS-TRABALHO.....48
5.5	TRANSFORMAR AS ESCOLAS EM CENTROS DE RECREAÇÃO.....48
	ANEXOS.....49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....51

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	O DISCURSO DOS JOVENS URBANOS SOBRE A EVASÃO	16
QUADRO 2	O DISCURSO DOS JOVENS RURAIS SOBRE A EVASÃO.....	20
QUADRO 3	O DISCURSO DOS JOVENS URBANOS SOBRE A ESCOLA.....	22
QUADRO 4	O DISCURSO DOS JOVENS RURAIS SOBRE A ESCOLA.....	24
QUADRO 5	O DISCURSO DOS JOVENS URBANOS SOBRE O FUTURO.....	26
QUADRO 6	O DISCURSO DOS JOVENS RURAIS SOBRE O FUTURO.....	29
QUADRO 7	O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS URBANOS SOBRE A EVASÃO.....	30
QUADRO 8	O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS RURAIS SOBRE A EVASÃO.....	32
QUADRO 9	O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS URBANOS SOBRE A ESCOLA.....	35
QUADRO 10	O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS RURAIS SOBRE A ESCOLA.....	37
QUADRO 11	O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS URBANOS SOBRE O FUTURO DOS FILHOS.....	39
QUADRO 12	O DISCURSO DOS PAIS DE JOVENS RURAIS SOBRE O FUTURO DOS FILHOS.....	40

RESUMO

Este estudo de caso foi desenvolvido com o objetivo de aprofundar a problemática da evasão escolar entre jovens de classes populares na região Nordeste e constitui parte do Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais. A metodologia de pesquisa utilizada neste estudo foi a da Avaliação do Beneficiário, que aborda questões específicas relacionadas às causas da evasão escolar na tentativa de responder à pergunta: por que as escolas do Nordeste estão falhando na educação de jovens de classes populares? O universo pesquisado foi definido em dois bairros (um de periferia e outro central) da cidade do Salvador e em uma zona rural do município de São Gonçalo situado no interior do estado da Bahia. A amostra foi composta de oito jovens do sexo masculino e oito do sexo feminino, com idade entre 11 e 18 anos, que deixaram a escola nos últimos dois anos, e de seis pais de jovens do sexo masculino e seis pais de jovens do sexo feminino com o mesmo perfil. A coleta de dados foi realizada com auxílio de um roteiro de entrevista e exigiu a inserção do pesquisador por um período de duas semanas em cada uma das comunidades estudadas. A análise dos dados foi feita pela análise de conteúdos das entrevistas. Os resultados do estudo são apresentados em forma de achados e se encontram divididos em três categorias, a saber: (a) razões apresentadas para evasão; (b) percepções sobre a escola; e (c) percepções sobre o futuro dos jovens evadidos. Recomendações que buscam contribuir para a elaboração de novas políticas educacionais são sugeridas a partir destes achados.

ABSTRACT

This case study was developed with the aim to deepen the understanding of the reasons why so many adolescents from the Northeastern Region of Brazil dropout of school. It constitutes a part of a broader study entitled Program of Research and Operationalization of Educational Policies. The methodology used in this study, Beneficiary Assessment, encompasses issues specifically related to the causes of dropout among adolescents in an effort to answer the following question: why are schools in the Northeast of Brazil failing in the education of low-income teenagers? The research universe was defined within two neighborhoods (one situated in the suburbs and the other in the central area) of the city of Salvador and a rural area which belongs to the town of São Gonçalo, situated in the interior of Bahia. The research sample was composed of: eight male and eight female adolescents between 11 and 18 years of age who dropped out of school no more than two years previously and six parents of male and six parents of female adolescents with the same profile. The data was collected with the aid of an interview guideline and required the insertion of the researcher for a period of two weeks in each of the communities studied. The data analysis was made through discourse analysis of the interviews. The results of the study are presented in three categories: (a) reasons for dropping out of school; (b) perceptions of school; and (c) views of the future of the teenagers. Recommendations for educational policy making are presented based on these findings.

1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de compor um quadro fidedigno da atual realidade escolar da região Nordeste, etapa fundamental do processo de desenvolvimento do Programa de Pesquisa e Operacionalização de Políticas Educacionais, o Projeto Nordeste vem realizando trabalhos de pesquisa para subsidiar a avaliação do grau de eficiência e eficácia dos serviços públicos educacionais da região. Fazendo uso de uma metodologia qualitativa, a *Avaliação do Beneficiário*, estes estudos têm como meta registrar e analisar as percepções dos usuários do sistema educacional (estudantes, pais de alunos, membros da comunidade, etc.), do processo educacional atual e das dificuldades por eles encontradas.

Censos educacionais têm demonstrado que a evasão escolar em escolas públicas constitui um dos mais graves problemas a ser enfrentado pelos gestores de políticas públicas empenhados em melhorar os indicadores educacionais da região Nordeste. É, portanto, mister que tal problemática seja melhor compreendida em sua gênese e estrutura.

Este estudo de casos foi projetado com o objetivo de contribuir na busca de respostas para o fato de as políticas educacionais terem, sistematicamente, falhado em suas tentativas de manter os nossos jovens na escola. Para tanto, fizemos um registro das percepções de jovens e de pais de jovens evadidos sobre o fenômeno da evasão escolar. Foram os testemunhos desses sujeitos sobre as barreiras que impedem ou dificultam a permanência dos jovens na escola, os registros de suas críticas e sugestões à escola, como também o inventário de suas expectativas em relação ao futuro de suas vidas que desenharam os contornos do presente estudo.

Buscamos, neste estudo de casos, a meta geral de aprofundar a investigação da gênese e estrutura do problema da evasão escolar entre jovens de classes populares, abordada tangencialmente pelo estudo Avaliação do Beneficiário do Sistema Educacional Público do Estado da Bahia.

Definimos como objetivos específicos do nosso estudo:

- (a) inventariar as percepções de jovens e pais de jovens evadidos sobre os motivos da evasão e suas conseqüências na vida familiar, social e profissional desses jovens;
- (b) efetuar levantamento das percepções desses jovens e dos pais sobre a escola, tal como existe hoje;
- (c) sondar as expectativas em relação ao futuro desses jovens;
- (d) conduzir análise dos conteúdos dos dados coletados, em uma tentativa de determinar similitudes e diferenças dos discursos em relação ao domicílio desses jovens (zona urbana central, zona urbana periférica e zona rural); e
- (e) sugerir, a partir da análise dos dados, medidas que possam fomentar políticas educacionais públicas cujo objetivo seja a redução imediata e a erradicação, a longo prazo,

do número de jovens das classes populares evadidos das escolas públicas de nossa região.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 A AVALIAÇÃO DO BENEFICIÁRIO

A utilização de métodos de estudos de caso, registros etnográficos, para a abordagem de temas em educação, tem-se firmado como tendência ascendente no âmbito da pesquisa educacional. Destinados, não a se contrapor aos métodos estatísticos, mas a corroborar os seus achados e/ou aprofundar questões que os métodos quantitativos não conseguem abarcar, os estudos etnográficos têm provado a sua importância na construção do saber/fazer pedagógico pelos resultados das mais variadas pesquisas que deles fazem uso para abordar fenômenos educacionais.

O método de registro etnográfico que utilizamos no presente estudo de caso é denominado Avaliação do Beneficiário (AB). Segundo Salmen (1995)¹, a AB tem como objetivo fornecer informações qualitativas confiáveis e em profundidade sobre as condições sócio-culturais de uma população de beneficiários, *população para a qual uma ação desenvolvimentista é planejada*, que devem ser utilizadas para fomentar as decisões de gerenciadores de políticas públicas engajados em implantar projetos de melhoria das condições de vida dessa população.

A AB parte do princípio de que o planejamento de políticas públicas não pode prescindir da participação direta daqueles que serão os seus beneficiados, a população. Ela se pretende, enquanto método, como elo de ligação entre esses indivíduos e os gerenciadores de políticas públicas, ao introduzir nos processos de elaboração dessas políticas uma dimensão sócio-cultural, captada nos discursos dos indivíduos da comunidade-alvo.

A AB tem como características principais:

- (a) a predominância do aspecto qualitativo sobre o aspecto quantitativo no âmbito da coleta de dados;
- (b) a sistematização de informações coletadas, realizada com conferência cruzada de informações e avaliação da medida em que as opiniões expressas representam pontos de vistas compartilhados amplamente pela comunidade;
- (c) a orientação para ação, traduzida por inventário de recomendações, sugeridas pelos consultados, de mudanças na atividade avaliada; e
- (d) a audiência de seus resultados, constituída por gerenciadores de políticas públicas.

A AB se utiliza de três técnicas básicas para coleta de dados, a saber:

- (a) a *observação participante*, que consiste na inserção de um membro da equipe de pesquisa na comunidade por um período que pode variar de algumas semanas a vários meses. Nesse período, o observador deverá fundar vínculos com os membros da população local pela sua participação efetiva nas atividades diárias da comunidade. Sua

¹ SALMEN, Lawrence. *Beneficiary Assessment: an approach described*. World Bank's Environment Department, Social Policy & Resettlement Division, 1995.

atenção deverá se voltar para os tópicos mais sensíveis do guia temático (inventário de tópicos constituintes do objeto da pesquisa) e o contexto geral sócio-cultural e político da vida dos beneficiários;

- (b) a *entrevista bate-papo*, que consiste em abordar o objeto da pesquisa em conversas informais com os membros da comunidade, de forma que as informações fluam em ambiente de descontração, tanto para os entrevistados quanto para o entrevistador; e
- (c) o *grupo focal*, que consiste de reuniões do pesquisador com grupos de membros da comunidade para abordar o objeto da pesquisa, objetivando complementar e conferir as informações coletadas em entrevistas bate-papos.

A AB, enquanto método de registro etnográfico, assim como qualquer outro método de pesquisa, apresenta riscos quanto a sua aplicação. O principal desses riscos reside no grau de qualidade das informações coletadas pelo pesquisador. Tratando-se de um método de registro etnográfico, a compilação das informações pode, eventualmente, tornar-se por demais descritiva, longa e detalhada e sem relevância para os gerenciadores de políticas públicas — sua audiência-alvo. É, portanto, necessário, conduzir um competente programa de treinamento dos pesquisadores no manuseio das técnicas de coletas de dados da AB e associar ao treinamento a supervisão continuada do trabalho de campo, para que sejam evitados os riscos citados.

2.2 A DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

O nosso universo de pesquisa é constituído por dois bairros populares da cidade do Salvador, sendo um situado em sua zona central e o outro em sua periferia, e de localidade de um distrito rural do município de São Gonçalo, interior do estado da Bahia.

Os bairros de Coutos, periferia, e do Nordeste de Amaralina, zona central da cidade do Salvador, caracterizam-se por baixo padrão habitacional e por vias públicas mal-estruturadas e mal-conservadas. No que se refere aos indicadores ambientais, ambos têm pouco acesso a instalações sanitárias. Os habitantes são, em sua maioria, membros de famílias de baixa renda.

O bairro de Coutos conta com dois estabelecimentos de ensino da rede municipal que oferecem vagas, exclusivamente, para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série). A rede estadual é composta de duas escolas que oferecem vagas, exclusivamente, para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série), de uma escola que oferece vagas para alunos da 1ª à 8ª série e de um estabelecimento que oferece educação integrada e vagas para a pré-escola e para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série). O número total de salas disponíveis na rede estadual e na municipal é 39, para uma população escolarizável (7 a 14 anos) de 3 161 crianças e jovens. O bairro não possui escolas de segundo grau.

O bairro do Nordeste de Amaralina conta com um estabelecimento de ensino da rede municipal que oferece vagas para a pré-escola e para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série). A rede estadual é composta de cinco escolas que oferecem vagas, exclusivamente, para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série), três que oferecem vagas para a pré-escola e para as séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série), duas que oferecem vagas da 1ª à 8ª

série, uma que oferece vagas do pré-escolar à 8ª série, e uma que oferece vagas da 5ª à 8ª série. O número total de salas disponíveis na rede estadual e na municipal é 123, para uma população escolarizável (7 a 14 anos) de 5 682 crianças e jovens. O bairro não possui escolas de segundo grau.

A localidade de Humildes, situada no distrito de Sergi (Mercês), da cidade de São Gonçalo dos Campos, caracteriza-se por baixo padrão habitacional e por vias públicas mal-estruturadas e mal-conservadas. No que tange aos indicadores ambientais, a localidade tem pouco acesso a água encanada, a instalações sanitárias e a iluminação elétrica. Humildes possui duas escolas municipais e uma escola estadual.

Dados fornecidos pela Secretaria de Educação do município de São Gonçalo dos Campos totalizam uma população escolar de 742 alunos nas escolas rurais da rede estadual e 3 031 alunos nas escolas rurais da rede municipal.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Nossa amostra de pesquisa compõe-se de 16 jovens evadidos (8 garotos e 8 garotas), com idades entre 11 e 18 anos, evadidos das séries iniciais do primeiro grau (1ª a 4ª série), entre os anos de 1993 e 1995, e de 12 pais de jovens evadidos² (6 pais de garotos e 6 pais de garotas), distribuídos segundo o esquema a seguir:

Zona Urbana Central (Bairro do Nordeste de Amaralina): (a) dois garotos; (b) três garotas; (c) dois pais de garotos; e (d) um pai de garota.

Zona Urbana Periférica (Bairro de Coutos): (a) três garotos; (b) duas garotas; (c) dois pais de garotos; e (d) um pai de garota

Zona Rural (Humildes, zona rural do distrito de Sergi): (a) três garotos; (b) três garotas; (c) três pais de garotos; e (d) três pais de garotas.

² Definimos pais como o(s) adulto(s) diretamente responsável(eis) pelo jovem e com quem o jovem reside atualmente.

2.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nossa coleta de dados foi realizada por meio de dois instrumentos recomendados pela metodologia da Avaliação do Beneficiário:

(a) *entrevistas bate-papos* com todos os componentes da amostra deste estudo, para as quais foram utilizados guias temáticos (anexos I e II);

(b) *observação participante*, que consistiu na inserção do pesquisador, por um período de duas semanas, em cada uma das comunidades.

2.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Michelat (1981),³ o procedimento de análise de dados de pesquisas qualitativas deve ser iniciado por um processo de impregnação de dados pelo pesquisador, que se constitui na apropriação dos conteúdos das entrevistas e das observações participantes

³ MICHELAT, Guy. Sobre a Utilização da Entrevista Não-Diretiva em Sociologia. In: Thiollent, Michel. *Crítica Metodológica e Investigação Social*. São Paulo, Polis, 1981.

em sucessivas leituras e releituras dos registros do trabalho de campo. Este foi o nosso primeiro passo.

Seguindo-se a esse período de impregnação, trabalhamos com a análise do conteúdo das entrevistas de nossos sujeitos, conforme a seguinte categorização:

(a) Categoria de Jovens Evadidos

(a.1) O Discurso dos Jovens sobre a Evasão

(a.2) O Discurso dos Jovens sobre a Escola

(a.3) Discurso dos Jovens sobre o Futuro

(b) Categoria de Pais de Jovens Bem-Sucedidos

(b.1) O Discurso dos Pais sobre a Evasão

(b.2) O Discurso dos Pais sobre a Escola

(b.3) O Discurso dos Pais sobre o Futuro

Tratando-se de um *estudo de casos*, optamos pelo procedimento de apresentar, no corpo de nosso trabalho, a transcrição das falas de nossos entrevistados segundo a divisão de tópicos citada. Esse procedimento tem como objetivo não só oferecer ao leitor uma oportunidade de questionar e/ou corroborar as nossas análises a partir dos depoimentos de nossos sujeitos, mas também proporcionar a outros pesquisadores a possibilidade de desdobrar este estudo de casos em outros estudos, a partir dos conteúdos desses depoimentos. A notação (...) nas falas transcritas indica uma opção nossa de suprimir material não-relevante, constituído de interrupções do entrevistador e/ou dos entrevistados ou mudança de tópico na entrevista. As falas do entrevistador foram totalmente suprimidas, por não as considerarmos de relevância para o nosso propósito.

Finalmente, devemos esclarecer o fato de nossos sujeitos de pesquisa serem referidos neste estudo de casos pelos seus primeiros nomes. Além da autorização por eles concedida para assim procedermos, a natureza personalizada do estudo não comporta a dimensão de simples iniciais que, supostamente, protegem a identidade dos informantes. Analisamos discursos e não respostas padronizadas, e nossa relação com esses jovens e com os pais está necessariamente atravessada pelo nome que individualiza cada um deles. A decisão de nomeá-los é, também, uma forma de lhes prestar uma homenagem pela coragem de nos emprestarem suas falas para dela derivarmos nossas conclusões.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 O DISCURSO DOS JOVENS SOBRE A EVASÃO

3.1.1 O Discurso dos Jovens Urbanos sobre a Evasão

Leiamos o quadro de depoimentos seguinte no qual estão registrados os depoimentos dos jovens residentes em zonas urbanas sobre as razões que os fizeram abandonar a escola:

Quadro 1: O Discurso dos Jovens Urbanos sobre a Evasão

Ailton, 14 anos, Coutos

“Eu nunca gostei de estudar. Lá em casa minha mãe sempre dizia que eu gostava mesmo era de trabalhar. Meu irmão é que leva jeito pra escola. Fiz até a 4ª série e aí fui reprovado. Larguei de lado a escola e fui trabalhar pra ajudar em casa vendendo queimado. Também num gostava mermo da escola. Sempre que os amigo me chamava pra jogar bola lá na rua, eu dava um jeito de não ir pra aula...”

Josué, 14 anos, Coutos

“Num vou mentir, eu pertubava demais da conta. Aí a professora pedia para eu chamar minha mãe ou não podia entrar na escola no outro dia. Aí eu não chamava. Dizia em casa que ia pra aula e ficava na rua jogando bola. Era muito melhor. Aí minha mãe descobria, eu apanhava...Voltava pra escola, mas aí eu fugia na hora do recreio pra jogar bola na rua...Repeti a 1ª série duas vezes...Aí num quis mais estudar, fui fazer bis-cate na porta do mercado. Ajudava as pessoa a carregar as compras...”

Ricardo, 16 anos, Coutos

“Minha mãe era doente e meu pai não tinha tempo pra me matricular na escola. Até os 12 ano ficava na rua brincando com os amigo. Mas eu tinha vergonha porque não ia pra escola...Aí pedi minha avó e ela me matriculou. Mas não tinha dinheiro pro material e pro fardamento. Tinha de faltar a escola quando não tinha dinheiro pro transporte. Também trabalho desde pequeno pra ajudar em casa...”

Eliseu, 17 anos, Nordeste de Amaralina

“Larguei a escola no meio do ano passado porque precisava trabalhar para ajudar minha mãe. Aqui no trabalho eu fico o dia todo...aí eu não podia continuar estudando, eu estudava de manhã. Num queria parar de estudar, mas o problema é que eu preciso trabalhar...Quando entrei na escola num entendia bem pra que estudar (...)Perdia os livro, não copiava o dever e não estudava...Aí perdia o ano. Mas hoje não penso mais assim...Quero voltar...Mas é que tem o trabalho...”

Adauri, 16 anos, Nordeste de Amaralina

“Estou na 4ª série...Estudava à noite e parei no meio do ano passado depois das provas da 3ª unidade...Eu ia perder...Eu faltava muito. Ficava na rua o dia todo e de noite dava preguiça pra ir pra aula. Também trabalhava vendendo jornal e ficava cansado pra ir pra escola de noite...”

Josemeire, 13 anos, Coutos

“Fazia a 3ª série, mas aí quando o meu pai deixou minha mãe no ano passado, minha mãe teve de trabalhar e aí os pequeno não tinha com quem ficar. Mas é só esse ano, eu quero voltar pra escola..Passo o dia em casa cuidando dos meus irmãos, aquelas peste...”

Telma, 18 anos, Coutos

“Foi porque quando eu casei nasceu logo o Wanderley e depois a Marluce. Num deu mais pra ir pra escola. Larguei tem...Deixe eu ver...Três ano.. é, o Wanderley tem dois ano. E também tem de cuidar de casa. O Jonas, meu esposo, trabalha de vigilante, não tem tempo de me ajudar em casa..”

Conceição, 16 anos, Nordeste de Amaralina

“Parei de estudar porque minha tia caiu doente e eu tinha de cuidar dela. Meu pai reclamou e disse que a escola é pra gente ter futuro e se formar e ter profissão. Acho que ele tem razão porque até pra varrer rua a gente tem de saber ler. Mas eu num gostava muito da escola, não. Gostava mesmo era de brincar de elástico na rua. Comecei a mentir dizendo que ia pra escola e ficava era na rua brincando e namorando... Também dava uma preguiça...”

Leila, 13 anos, Nordeste de Amaralina

“Eu saí da escola porque bagunçava muito com os menino. Eu dava nome na sala e a professora dizia que eu só voltava com minha mãe e aí eu não falava com minha mãe e não ia pra escola...Dizia que ia e ia pra praia com as colega. Aí minha mãe descobria, me levava de volta pra escola. Mas aí eu faltava...Também matemática nunca entrou na minha cabeça...Estudos sociais, nunca gostei...”

Dinalva, 12 anos, Nordeste de Amaralina

“Larguei a escola porque era muito suja e só tinha um banheiro pra meninos e meninas. O banheiro ficava muito sujo com xixi pelo chão e os menino ficava olhando as menina quando a gente ia no banheiro. Aí a gente falava pra professora, mas ela nem ligava. Era muita bagunça na escola. Lá também não tinha merenda e estudar com fome é muito ruim. Ficava a manhã toda com fome e dava dor de cabeça...”

Iniciemos a discussão dos nossos resultados chamando atenção para o fato de que todos os cinco garotos entrevistados exercem algum tipo de atividade remunerada. Não obstante, somente um deles, Eliseu, estabeleceu uma relação direta entre a sua inserção no mercado de trabalho e a necessidade de deixar de estudar. Segundo ele, o horário de

seu trabalho não é compatível com o horário escolar. Já nossos outros entrevistados, por sua vez, apresentam outras razões para explicar o fato de terem se evadido. Ailton se refere ao fato de nunca ter gostado de estudar e também a uma história de repetência antes de decidir deixar a escola e se iniciar no mundo do trabalho. Josué narra, primeiramente, seu problema de indisciplina na escola e uma história de multirrepetência antes de se decidir por deixar de estudar. Ricardo faz referência à impossibilidade da família de custear a sua permanência na escola. Adauri, por sua vez, diante da possibilidade de ser reprovado, decide deixar de estudar, fazendo uso da profissão de jornalista para justificar o seu desânimo de frequentar a escola. Precisamos melhor analisar tais discursos, pois.

É importante chamarmos atenção para o fato de que esses primeiros dados do nosso estudo de casos alertam para o perigo de uma interpretação de cunho econômico-mecanicista da questão da evasão escolar entre jovens da população de baixa renda. Nossos dados contrariam a tese de que todo jovem das camadas populares deixa a escola no momento em que se confronta com a necessidade de trabalhar. Ainda que este possa ser o caso de alguns desses jovens, como ilustra o caso de Eliseu, não podemos nos apressar em fazer generalizações.

Observamos nas falas dos nossos dois primeiros sujeitos, Ailton e Josué, que não há, *a priori*, qualquer referência a incompatibilidade entre o trabalho e a escola que motive a decisão de deixar de estudar. Suas falas parecem indicar que a opção de trabalhar é decorrente da impossibilidade dos dois de se adequarem ao ambiente escolar. Nenhum deles gostava da escola, preferindo a companhia dos amigos na rua para jogar bola. Ambos fazem referência a experiências de fracasso escolar. Só depois, então, é que declaram a decisão de se evadirem para ingressar no mercado de trabalho informal. Se não podemos fazer generalizações a partir do depoimento desses dois sujeitos, pelo menos eles nos servem para nos impedir de confirmar o conteúdo da tese econômico-mecanicista já referida. Não deixaram eles a escola porque não podiam conciliar trabalho e escola; os depoimentos apontam para uma escolha de outra ordem.

O que leva um jovem a deixar de estudar para vender bombons e outro jovem a tomar a mesma decisão para ganhar alguns trocados ajudando clientes de um supermercado a carregar suas compras? O que parece estar em jogo é o valor da escola enquanto possibilidade de garantir um futuro melhor do que este pelo qual eles optaram. Será que tal atitude denuncia o fato de esses jovens não acreditarem na possibilidade de que a escola possa proporcionar-lhes um melhor futuro? Talvez sim. Mas sobre isso, infelizmente, nosso estudo nada pode afirmar.

Um dos nossos entrevistados, Ricardo, confirma o que a literatura já nos afirma sobre o assunto, e, portanto, não nos deteremos muito em seu discurso. Seu depoimento nos reporta ao caso de jovens de classes populares cujas famílias não têm sequer dinheiro para pagar as despesas mais básicas com sua educação.

Nosso jovem que confirma a tese de que os jovens de baixa renda deixam a escola pela impossibilidade de conciliar trabalho e escola, Eliseu, relata-nos em seu depoimento sua mudança de atitude em relação à importância da escola em sua vida. Partindo de sua história de fracasso escolar e do pouco interesse que tinha por sua escolarização, afirma

hoje reconhecer o quão importante freqüentar a escola é para ele. Declara-nos, então, o seu firme propósito de retomar os seus estudos no próximo ano.

Adauri, ex-estudante de escola noturna, apresenta um conjunto de fatores recorrentes para a sua decisão de deixar a escola: o seu trabalho como vendedor de jornal, que o deixava muito cansado; o fato de gostar de ficar na rua durante todo o dia; as suas constantes ausências da escola; e a iminência de sua reprovação ao final do ano em que deixou de estudar.

Sublinhemos o fato de que a procedência de nossos entrevistados, bairro periférico de Fazenda Coutos e bairro central de Nordeste de Amaralina, não nos forneceu nenhum indicativo de variação nas razões para que esses jovens deixassem de estudar. Conseqüentemente, nosso estudo de caso não pode tecer qualquer comentário sobre se existe, ou não, variação nas razões para evasão escolar de jovens advindos de classes populares em função da zona urbana onde residem.

O depoimento das garotas nos leva a supor que o gênero influi nas razões para que os jovens de classes populares deixem de freqüentar a escola. Nenhuma delas é trabalhadora, para darmos início à primeira diferença. Três das garotas entrevistadas tiveram de deixar de estudar para assumir tarefas domésticas. Nossa primeira entrevistada deixou de estudar para cuidar dos irmãos, a segunda, para cuidar do filho e do marido, e a terceira, para cuidar de uma tia que adoeceu. Este parece ser um indicativo de que as tarefas domésticas são assumidas ainda exclusivamente pela mulher, no universo familiar das classes populares. Mais ainda, tais tarefas parecem colocar-se acima da escola em escala de importância. Talvez precisemos melhor conhecer o significado de *ser mulher* nas classes populares para melhor compreender a razão pela qual parece, para elas, ser tão natural abandonar a escola em função de tarefas domésticas.

Interessante notar que duas de nossas entrevistadas assumem, claramente, não gostarem de freqüentar a escola. Somente uma delas, contudo, define-se como indisciplinada. Mais ainda, seu discurso é claro no tocante a sua associação com os meninos. Nenhuma outra de nossas entrevistadas faz referência a si como perturbadora da ordem na escola. Ressaltemos que as duas fazem uso de mentiras quando dizem em casa que vão à escola e, em verdade, não vão. Esse comportamento aproxima tais garotas de alguns de nossos garotos entrevistados. Portanto, sejamos cautelosos em supor que o gênero determina diferentes atitudes frente ao universo escolar.

Dado interessante nos é fornecido pela nossa última entrevistada, ao creditar uma das razões da sua evasão às condições sanitárias da escola. Nada podemos afirmar sobre nossa entrevistada para além do contido em seu depoimento, mas é deveras interessante que tenha associado, primeiramente, sua decisão de deixar a escola ao fato de ter de compartilhar o banheiro com os garotos. Ressaltemos, todavia, que essa mesma garota faz referência, também, ao fato de sua escola não fornecer merenda escolar, e que a fome não é compatível com a aprendizagem.

Finalmente, ressaltemos o fato de que a procedência de nossos entrevistados, bairro periférico de Fazenda Coutos e bairro central de Nordeste de Amaralina, não nos forneceu nenhum indicativo de variação nas razões para que esses jovens deixassem de estudar. Conseqüentemente, nosso estudo de caso não pode tecer qualquer comentário sobre

se existe ou não variação nas razões para evasão escolar de jovens advindas de classes populares em função da zona urbana na qual residem.

3.1.2 O Discurso dos Jovens Rurais sobre a Evasão

Passamos a seguir a analisar o discurso dos jovens residentes na zona rural sobre as razões que os motivaram a deixar a escola.

Quadro 2: O Discurso dos Jovens Rurais sobre a Evasão

Eduardo, 17 anos, Sergi (Mercês)

“Larguei no meio do ano passado na 3ª série e agora ajudo o meu tio a cortar boi, dou comida pros porcos, faço ração e dirijo o carro do tio quando ele tá cansado. Larguei da escola porque a professora botou a culpa do erro dos outros em mim. Ela era crente, não conversava com ninguém. Tinha os aluno que ela gostava e os que ela não gostava, que ela fazia o que fez comigo. Esse ano ela não ensina mais aí, não. Num me matriculei esse ano porque a professora num achou minha ficha. Quero estudar de noite”

Celso, 14 anos, Sergi (Mercês)

“Repeti duas vez a 1ª série e larguei a escola no meio do ano passado. Sentia preguiça de estudar, mas agora num tenho mais não e vou voltar pra escola. Tô esperando um trabalho. Gosto de trabalhar olhando boi(...)Agora sem trabalho fico pela rua brincando com os amigo e jogando bola”

Jailton, 16 anos, Sergi (Mercês)

“Repeti duas vez a 1ª série. Saí da escola porque fui trabalhar com meu tio no pastoreio dos boi. Estudava pela manhã. Depois tentei estudar de noite, mas acabaram com o ensino noturno. Mandeí meu cunhado arrumar um serviço pra mim em Feira de Santana. Faço qualquer coisa: mato boi, dirijo carro, já trabalhei de atendente de lanchonete...Seu eu for trabalhar em Feira e tiver escola de noite, eu volto a estudar”

Mariana, 17 anos, Sergi (Mercês)

“Arrumei um emprego de babá em Salvador e voltei no meio do ano passado. Este ano eu me matriculei depois que voltei de Feira, onde tava procurando trabalho, mas num dei pra acompanhar os assunto que já tinha sido dado. Larguei no meio do ano porque tava muito pesado pra minha cabeça. Ficou muita responsabilidade dar conta das coisa de casa e estudar. Por isso, este ano eu só estudei três meses. Ano que vem tenho que levar os estudo a frente porque preciso arrumar um bom emprego”

Lívia, 16 anos, Sergi (Mercês)

“Larguei os estudos esse ano porque fiquei grávida. Ainda estudei até o quarto mês de gravidez. De repente não conseguia mais gostar de ir pra escola, fiquei com raiva das professora. Descontei tudo nos colega que eu num simpatizava, bri-

guei com uns deles. Meu filho vai nascer em janeiro. Ano que vem vou amamentar e estudar”

Celma, 17 anos, Sergi (Mercês)

“Larguei de estudar porque achei chato. O ensino daqui é mais complicado e mais difícil do que o de Salvador. A explicação dos assuntos num é boa. Ano que vem vou pegar transferência e me matricular em Feira de Santana. Quando estiver estudando, vou morar na casa dos meus tio. Em Salvador eu repeti a 3ª série. Sentia dificuldade (...)No ano seguinte eu esquecia os assunto do ano anterior. Meus pais colocava a gente na banca pra aprender”

Dois de nossos garotos, Celso e Jailton, iniciam os seus discursos sobre a evasão fazendo referência a histórias de multirrepetência. Porém, o que mais nos chama atenção é a banalização das razões que justificam a evasão desses dois jovens entrevistados: Eduardo deixou a escola por se sentir injustiçado ao ser acusado de algo que não fez, por sua professora, e Celso se evadiu porque sentia preguiça de freqüentar a escola. Somente Jailton, o terceiro jovem, apresenta uma razão de ordem prática para a sua evasão: o fato de ter de trabalhar, atividade incompatível com o horário escolar. A banalização das razões para não freqüentar a escola chega ao seu ápice no depoimento de Eduardo, ao se referir sobre a razão de não ter voltado a estudar neste ano como tendo sido a de uma professora não ter encontrado sua ficha de registro escolar.

Importa-nos questionar sobre o real significado de um jovem voltar da porta da escola e desistir dos seus planos de voltar a estudar pelo simples fato de alguém não ter encontrado sua ficha. Afinal, será que o tal jovem nunca refletiu sobre o fato de que o dever de guardar o histórico escolar dos alunos é da escola, ou será que este não seria exatamente o álibi de que precisava Eduardo para permanecer fora da escola?

Dois de nossos entrevistados, Eduardo e Jailton, trabalham atualmente, enquanto que Celso aguarda, jogando bola e brincando com os amigos, uma atividade remunerada.

Também como afirmamos sobre os jovens das zonas urbanas, os jovens da zona rural parecem contradizer a tese econômico-mecanicista de que os jovens das classes populares deixam a escola por razões exclusivamente relativas à incompatibilidade entre a escola e o trabalho. Mais uma vez, parece que nossos jovens ingressam no mercado de trabalho em um tempo subsequente à evasão.

Em relação as garotas, apenas uma das nossas entrevistadas, Lívia, deixou de estudar por razões que podem ser creditadas à diferença de gênero: ter engravidado. Ainda assim, não pelo fato de assumir responsabilidade como futura mãe, mas pela indisposição com professores e colegas, segundo ela, causada pela própria gravidez. As duas outras, Mariana e Celma, enquadram-se na reflexão feita sobre a banalidade dos motivos que levam nossos jovens da zona rural a deixarem a escola: Mariana deixou a escola diante das dificuldades de acompanhar os conteúdos ministrados nas aulas — como se o fato de repetir a série não existisse, ainda que como possibilidade — e Celma considerou o ensino de sua escola progressiva como

complicado, também não considerando a possibilidade de repetência frente à opção de, simplesmente, evadir-se.

Observamos que nem quanto aos garotos nem quanto às garotas há indicativos específicos sobre as razões para a evasão que façam diferir os jovens das zonas rurais dos jovens das zonas urbanas.

3.2 O DISCURSO DOS JOVENS SOBRE A ESCOLA

3.2.1 O Discurso dos Jovens Urbanos sobre a Escola

Procedamos à leitura do quadro seguinte, que contém o depoimento dos jovens residentes em zonas urbanas sobre a escola, para uma posterior análise de conteúdo.

Quadro 3: O Discurso dos Jovens Urbanos sobre a Escola

Ailton, 14 anos, Coutos

“A escola num tinha nem luz na sala. As professora tratava a gente com ignorância. Ela dizia que já tava formada e nós não. Também a professora passava muito dever e nem corrigia...Tinha muita bagunça na sala...”

Josué, 14 anos, Coutos

“A professora era muito ignorante. Vivia gritando com a gente e botando a gente pra fora de sala. Uma vez fui fazer uma pergunta sobre a aula ao colega e ela disse: “Olha quem tá conversando em sala. Já não sabe de nada e ainda fica de conversa...”. Também a professora faltava mais do que vinha. Nunca vi ficar doente quase todo dia...”

Ricardo, 16 anos, Coutos

“Os professores da escola que eu estudava faltava muito. E quando vinha, em vez de dá aula, só fazia era reclamar. Minha professora era muito nervosa. Vivia descarregando nos aluno lá os problema dela. A escola também faltava até carteira pros alunos. E os dever que a professora passava era fácil demais.... A escola era fraca demais....A professora também nem ligava, num tava nem aí se a gente fazia o dever ou não...”

Eliseu, 17 anos, Nordeste de Amaralina

“Precisa ter mais carteira e os banheiros precisam melhorar...Tudo tá quebrado e sem luz. As professoras precisam ter mais paciência com os alunos. Principalmente se o aluno trabalha e num tem tempo de fazer os dever tudo. Também precisa se preocupar mais com os alunos que fica perdendo o ano o tempo todo e com os aluno que nem liga pra estudar...É que as vez os aluno se esforça e num consegue aprender...Estuda e chega na hora da prova e aí dá um branco...Mas a escola era boa...”

Adauri, 16 anos, Nordeste de Amaralina

“A escola era toda destruída. Faltava luz na sala e num dava nem pra ver direito o que a professora escrevia no quadro de noite. Faltava carteira na sala e as que tinha era tudo quebrada. Tinha muita bagunça e tinha uma turma que ficava fumando maconha. Faltava professor e tinha professor que não ensinava direito e num passava dever...”

Josemeire, 13 anos, Coutos

“Tinha muita bagunça. Os meninos eram muito ousados. Também não tinha material para os professores dar aula. Mas tinha professor que faltava demais e quando ia só chegava atrasado na aula. Aí era que a bagunça era grande. Vinha a diretora, mas assim que ela saía da sala os meninos começavam a bagunçar. Minha professora até que era boa. A da sala vizinha nunca vinha pra aula. Aí minhas colega vinha pra minha sala...Os banheiro era tudo sujo e tava tudo quebrado...As parede tudo riscada e os marginais do bairro derrubaram o muro da quadra pra jogar bola...”

Telma, 18 anos, Coutos

“Em escola do governo é tudo sujo e quebrado. Os banheiro não funcionava, era uma imundice desgraçada. A gente que é mulher não tinha nem onde fazer as necessidade porque era tudo quebrado. Tinha muito menino e menina que gostava de bagunçar. Ia pra escola só pra fazer bagunça e atrapalhar quem queria alguma coisa...Também as professoras era dia sim e dia não. Quando num faltava ou chegava atrasada ou ficava enrolando. Aula que é bom tinha muito pouca...”

Conceição, 16 anos, Nordeste de Amaralina

“Minha escola era muito suja...Só tinha um banheiro pros menino e pras meninas e feidia muito...Um bebedor pra todo mundo. Era a maior bagunça na sala de aula e na escola...Eu gostava dos amigos e da hora de entrar porque a gente corria, brincava, corria, gritava...A professora não era boa. Não corrigia os deveres nem mandava a gente repetir até aprender...Mas eu tenho saudades...”

Leila, 13 anos, Nordeste de Amaralina

“Quase nunca tinha aula. As professora faltava muito e a gente ficava sem fazer nada na aula. Aí a gente ia bagunçar. Lá também tava tudo quebrado. Nem água nos bebedor tinha pra gente beber...”

Dinalva, 12 anos, Nordeste de Amaralina

“Já disse que o banheiro era uma porcaria. A escola era um porcaria só. Era tudo aos pedaço. Os menino quebrava carteira, janela, porta e até os bebedor...Mas também num funcionava...E também não tinha professor todo o dia. A gente ia pra aula e a diretora mandava voltar pra casa...”

Impressiona todos nós o alto grau de homogeneidade das percepções dos jovens sobre a escola. Os dados apresentados por eles denunciam a situação crítica em que se encontram as condições físicas das escolas públicas que freqüentavam. Mas para além desse dado redundante, que encontramos em toda a literatura sobre a situação atual das instalações das escolas públicas, chama-nos atenção as queixas recorrentes sobre o comportamento dos professores.

Dentre todos os garotos e garotas entrevistados, somente uma garota declarou gostar de sua professora. Todos os outros externaram sua insatisfação com os seus professores. Sete dos nossos entrevistados registraram queixa sobre o alto índice de absenteísmo de professores na escola. Mais ainda, os professores são adjetivados como ignorantes e caracterizados como profissionais que não têm compromisso com a aprendizagem dos alunos.

É possível que encontremos as razões para tantas queixas em relação aos professores nos baixos salários que recebem esses profissionais. Mais uma vez, não é sobre esse óbvio que nosso estudo deseja centrar sua análise. Estonteante é a paralisia desses alunos frente a tal realidade. A escola pública, para eles, assim nos parece, não é concebida como um espaço no qual o aluno possa reivindicar. O fato de os professores não comparecerem à escola parece ser, se não normal, impossível de ser questionado. Uma de nossas entrevistadas declarou que em escola pública tudo era sujo e nada funcionava. Certamente não sabem esses jovens a dimensão do que seja público. Talvez, e ainda pior, concebam o público como algo que lhes é dado a título de favor.

Insistamos no fato de que a queixa sobre os professores e sobre as condições físicas da escola parecem remeter para outra coisa que a literatura sobre o assunto insiste em não registrar. Esses jovens, claramente, não percebem que a escola pública é um espaço que lhes pertence por direito. Referem-se a professores que faltam, professores que não os respeitam, falta de carteiras, falta de luz, banheiros quebrados, etc., mas em nenhum momento elaboram reflexão crítica sobre tais fatos. Talvez pensem que, por serem pobres, não mereçam nada mais do que aquilo. Ou ainda, porque são pobres, não sejam eles dignos de exigir nada mais daquilo que lhes é dado.

Finalmente, devemos registrar que não foi constatada qualquer diferença entres as percepções dos jovens sobre a escola em função dos dois bairros estudados. Mais ainda, o gênero não teve qualquer função determinante na diferença de percepção desses mesmos jovens sobre a escola.

3.2.2 O Discurso dos Jovens Rurais sobre A Escola

Analisemos a seguir os depoimentos de jovens residentes na zona rural sobre as escolas que freqüentaram.

Quadro 4: O Discurso dos Jovens Rurais sobre a Escola

Eduardo, 17 anos, Sergi (Mercês)

“Estudei no estadual. Era bom. Meus colega são meus amigo até hoje. Eles ainda tão estudando e vão passar de ano. Eles perguntam porque eu não volto pra escola de novo. Para o ano vou pegar a transferência e vou estudar no municipal. Achei que a 3ª série tava mais difícil. Repeti a 1ª série uma vez. Na 2ª série fiz recuperação de matemática. Acho que a escola era boa porque tem tudo que o aluno precisa, tem caderno, borracha, lápis. O que mais eu gostava era quando o estudo era fácil de entender e o que eu não gostava era que na hora de brincar a gente se batia com as menina e as mães delas vinham com ignorância reclamar da gente. As aula que eu mais gostava era de matemática e ciências. Num gostava de português e de história(...)Acho que a escola é importante pra pessoa aprender alguma coisa

pra arrumar emprego bom. Ensina a gente a saber ler, fazer conta, ser educado(...)No meu entender muita gente larga o estudo pra trabalhar e outros pela preguiça mesmo de estudar”

Celso, 14 anos, Sergi (Mercês)

“Eu gostava da escola, fazia os dever e tirava dúvida e gostava dos meus amigos. O que mais gostava era de brincar na hora do recreio e o que eu menos gostava era na hora de sair da escola porque eu ficava triste(...)Acho a escola importante porque ensina a estudar e a ler(...)Tenho amigos que tão estudando e vão passar de ano e me dão força pra eu voltar a estudar pra aprender as coisa”

Jailton, 16 anos, Sergi (Mercês)

“Eu tinha amizade com os colega da 1ª série. A professora era chieira, gostava de bater e de beliscar nós, mas ensinava bem. Minha mãe trabalhava e chegava de noite, nem sabia se eu ia pra escola. Ela nem ligava. Hoje ela fala que vai me botar na escola se ano que vem a escola abrir de noite(...)A metade dos meus amigos saiu da escola. Um bocado tá na rua e um bocado tá trabalhando. Quando tinha aula de noite, um bocado estudava”

Mariana, 17 anos, Sergi (Mercês)

“No primário era melhor. Na 5ª série ficou mais complicado porque tinha muito professor e não tinha paciência com a gente. Já briguei muito na escola. Nunca apanhei dos menino danado. Meu pai me dizia que se eu voltasse apanhada da escola, eu apanhava de novo em casa e que ele mesmo me batia (...)O que eu mais gostava era do silêncio na sala de aula e o que menos gostava era do professor que num sabia dá aula direito(...)Umás amigas tão estudando, mas a maioria não. Os meninos, a maioria, tá sem estudo por causa do trabalho e outros por falta de interesse”

Livia, 16 anos, Sergi (Mercês)

“O primário foi bom, sem dificuldade. Sempre fui muito brincalhona, mas prestava atenção nas aula e na hora dos exercício. Na 5ª série brinquei tanto que perdi o ano e tive de repetir (...)A pessoa sem estudo não é nada. Pra ter trabalho, pra ajudar os pais, pra se formar e ensinar os nossos filhos tem de ter estudo. Os pais sem estudo não podem ajudar nos estudo dos filho(...)O que eu mais gostava da escola era brincar e estudar pra agradar minha mãe porque tudo que ela faz é pra mim, pro meu bem. O que eu menos gostava era quando a professora reclamava comigo(...)Uns amigos trabalham e até gostam de estudar, outros acham que escola é coisa de mulher. Tem menino que sai no meio da aula pra jogar bola, não gostam de estudar e ficam tomando vaga de quem quer estudar(...)Muita gente aqui depende do ensino de noite, mas num tem mais. Trabalha fora, na rua e não pode estudar de dia”

Celma, 17 anos, Sergi (Mercês)

“A escola é importante pra que a gente se forme e arrume um emprego. Eu não gosto de escola mas acho que é necessária pra gente aprender as coisas. Na escola é preciso

ter área de lazer e esporte pra gente se exercitar e tem que ter laboratório(...)O que eu mais gostava na escola era dos colegas e de alguns professores e o que eu menos gostava era de matemática e de alguns professores(...) A maioria das minhas amiga tá na escola, mas a maioria dos menino daqui está fora da escola”

Interessante iniciar a nossa análise dos discursos dos jovens residentes na zona rural pelo que os tornam diferentes dos discursos dos jovens residentes na zona urbana. Contrastando com esses últimos, os jovens da zona rural não apresentam uma atitude negativa frente à escola. Dois dos nossos entrevistados, Eduardo e Jailton, por exemplo, declararam explicitamente gostar da escola. Talvez este seja um indicativo de que os professores e as condições físicas das escolas rurais, das quais nossos entrevistados são egressos, não sejam tão ruins quando comparados com a realidade da zona urbana; apenas uma hipótese.

Quando inquiridos sobre o que mais gostavam da escola, as respostas de nossos entrevistados variaram entre aulas específicas, alguns professores, aspectos lúdicos e os amigos. Sobre os aspectos negativos da escola, os depoimentos dão conta de violência física de uma professora praticada contra alunos indisciplinados, reclamações de professores contra os alunos e disciplinas específicas. Observemos que os aspectos positivos e negativos apresentados são pontuais e não constituem crítica e/ou elogio à escola enquanto um todo. Somente uma das entrevistadas, Celma, faz reivindicações específicas de melhorias para a escola, quando declara que deveria existir mais área destinada ao lazer e a laboratórios.

A maioria dos entrevistados reconhece o valor da escola principalmente como instrumento que deverá garantir um futuro mais promissor. Não obstante, não apenas os entrevistados, mas também parte de seus amigos estão fora da escola. Sobre isso, é interessante sublinhar que o fim do ensino noturno, segundo o depoimento de Jailton, foi responsável pela evasão de muitos que precisam trabalhar e não podem frequentar a escola durante o dia.

3.3 O DISCURSO DOS JOVENS SOBRE O FUTURO

3.3.1 O Discurso dos Jovens Urbanos sobre o Futuro

Foi com a finalidade de sondar a intenção dos nossos entrevistados de voltar a estudar que nos adentramos em suas percepções sobre o futuro de cada um. Leiamos o quadro seguinte, no qual estão registrados os depoimentos.

Quadro 5: O Discurso dos Jovens Urbanos sobre o Futuro

Ailton, 14 anos, Coutos

“Quero voltar a estudar e ser advogado. Mas tem de estudar muito. Como é que estuda pra ser advogado e ter de trabalhar pra ajudar em casa?”

Josué, 14 anos, Coutos

“Eu não quero ser marginal. Prefiro trabalhar e ganhar o meu dinheiro. Já trabalhei em oficina e sei também consertar televisão. Queria voltar pra escola, mas não dá condição. Minha mãe não pode comprar a farda e o material e eu não posso parar de trabalhar. O dinheiro que a gente ganha é pra comer (...) O que é que eu quero ser? Eu queria ser dono do meu negócio. Mas num sei não...”

Ricardo, 16 anos, Nordeste de Amaralina

“Preciso voltar pra escola pra aprender a fazer as letras direito. Mas precisa a escola...é, os professores sejam melhores e passem mais dever...(...) Eu quero ser pintor que dá dinheiro. Aí eu vou casar, né? Ter meu barraco e os menino...”

Eliseu, 17 anos, Nordeste de Amaralina

“Tenho medo de não poder voltar a estudar e num ficar conversando bem com as pessoa...Pode até esquecer o nome e ter de assinar com o dedo. Na minha casa todo mundo estudou e se formou. Só eu com 17 anos é que estou na 4^a série...Para o ano eu volto com certeza...(...) Eu quero ser gente, ter uma profissão e ganhar dinheiro pra comprar minha casa e ter família...”

Adaury, 16 anos, Nordeste de Amaralina

“Preciso voltar a estudar mas num sei quando nem que horas. A gente trabalha o dia todo e de noite tá morto. Mas é muito ruim ter pouco estudo(...). Acho que quero ser motorista de ônibus, num precisa estudar muito.”

Josemeire, 13 anos, Coutos

“Volta à escola no próximo ano, quer mãe queira ou não. Num quero ficar como ela trabalhando de doméstica. Vou ser professora...Quero fazer magistério como a irmã de uma amiga minha.”

Telma, 18 anos, Nordeste de Amaralina

“Bem que eu gostaria de voltar a estudar. Mas agora tá difícil com os meninos pequeno e a casa. Quando os menino tiver maior, talvez faça um curso de manicure...A gente hoje precisa trabalhar pra ajudar o marido...Um salário só num dá mais não...”

Conceição, 16 anos, Nordeste de Amaralina

“Quero voltar no próximo ano. Vou estudar pra ser médica ginecologista...Vou ter de estudar muito...”

Leila, 13 anos, Nordeste de Amaralina

“Voltar pra escola? Num sei, não. Pelo gosto de minha mãe eu tava estudando. Mas eu quero é trabalhar pra comprar minhas coisa. Minhas colega que trabalha tem o dinheiro delas pra comprar roupa. Lá em casa a mãe diz que o dinheiro só dá pra comer...(...) Futuro? Casar com um garoto bem bonito e ter um casal de filhos. Brincadeira, né?”

Dinalva, 12 anos, Nordeste de Amaralina

“O estudo é importante, né? Minha mãe disse que vai me matricular ano que vem...(...) Ainda num sei o que quero do meu futuro, não. Vou voltar pra escola primeiro...”

Oito dos nossos entrevistados, cinco garotos e três garotas, externaram o desejo de voltar à escola. Não há, contudo, nenhuma possibilidade de sistematização dos depoimentos. Dois dos entrevistados, uma garota e um garoto, reconhecem que a vontade de voltar à escola se constitui em impossibilidade. Ela, por razões relativas ao trabalho doméstico, e ele, pela impossibilidade da família de arcar com as despesas mínimas necessárias para que pudesse freqüentar a escola. Três dos entrevistados, dois garotos e uma garota, externaram o desejo de exercerem profissões que exigiriam, necessariamente, especialização. Somente um garoto, todavia, pôs em dúvida a possibilidade de atingir o seu objetivo. Um dos garotos entrevistados fez referência a voltar à escola exclusivamente para aprender a escrever. Já outro entrevistado externou o seu medo de ser estigmatizado por não saber assinar o próprio nome. Uma das garotas entrevistadas, claramente, pôs a necessidade de trabalhar acima da necessidade de voltar à escola. Já a última de nossas entrevistadas parece não ter qualquer idéia sobre o seu futuro.

A impossibilidade de maior sistematização dos dados apresentados pelos nossos entrevistados aqui se apresenta como indicativo de que precisamos melhor compreender a dificuldade desses jovens de falar sobre o próprio futuro. Será que, para os jovens das camadas populares, o futuro se constitui em uma categoria discursiva de difícil abordagem? Acreditamos que não. Os depoimentos nos levam a suspeitar, não da dificuldade de falar do futuro em si, mas da dificuldade de pensar o papel desempenhado pela escola no futuro de nossos sujeitos. Depois de nos relatarem a situação de caos em que se encontrava a situação das escolas que freqüentaram, não deve ser tarefa fácil para esses adolescentes pensarem nos benefícios, em termos de futuro, que uma possível volta à escola lhes trará. Ou ainda, mesmo declarando a intenção de voltar a estudar, não nos parece possível que tais jovens possam imaginar razões de cunho prático que justifiquem a decisão de dedicar parte do seu tempo a uma instituição, a escola pública, que parece não ter qualquer futuro. Lembremos que os depoimentos sobre a escola pública de nossos entrevistados foram de desesperança frente aos caos relatado por eles.

O caráter assistemático dos depoimentos não nos permite realizar qualquer inferência relativa a diferença de percepção sobre o futuro em função, seja do bairro onde residem os nossos entrevistados, seja do gênero.

3.2.2 O Discurso dos Jovens Rurais sobre o Futuro

Analisemos a seguir o discurso dos jovens residentes na zona rural sobre o futuro.

Quadro 6: O Discurso dos Jovens Rurais sobre o Futuro

Eduardo, 17 anos, Sergi (Mercês)

“Quero fazer minha casa, morar, mas não casar. Vou morar fora de casa. Quero fazer o primeiro grau, até a 8ª série pra não quebrar a cabeça e ficar lerdo de tanto estudo. Tem gente que fica maluco de tanto estudar. Quero ser mecânico de automóvel. Observo quem entende pra trabalhar com isso.”

Celso, 14 anos, Sergi (Mercês)

“Vou voltar pra escola e me formar em professor. Quero casar, ter dois filhos e continuar morando aqui, junto da minha mãe.”

Jailton, 16 anos, Sergi (Mercês)

“Quero tirar os documento e arrumar um trabalho. Acho que vou continuar morando aqui mesmo por causa de minha família.”

Mariana, 17 anos, Sergi (Mercês)

“Qualquer curso que eu for achando eu faço. Não tenho preferência por nenhuma profissão. Se eu caprichar pra chegar até o segundo grau, eu posso me casar e ter filhos, mas já tenho 17 anos e ainda não tenho namorado fixo.”

Livia, 16 anos, Sergi (Mercês)

“Quero fazer o científico porque posso ir mais além do que as meninas que fazem o magistério. Ainda não escolhi uma profissão. Tendo trabalho a gente pode ser independente. Acho que eu e meu marido temos que trabalhar. Vou me casar no dia 14. Ele tem 23 anos, estudou até o 1º ano do segundo grau e foi trabalhar como operador de máquina na Brasfrute. Quero ter dois filhos e sustentar eles”

Celma, 17 anos, Sergi (Mercês)

“Desejo me formar em administração e trabalhar numa empresa. Quero que essa região melhore porque é um lugar bom pra morar, não é perigoso. Quero formar minha família porque acho que o casamento é essencial. O casal tem que ter respeito um com o outro. Se não der certo, separa.”

Contrariamente aos jovens evadidos residentes nas zonas urbanas, os jovens da zona rural conseguem melhor articular os seus planos sobre o futuro, o que nos permite melhor sistematização dos dados. Quanto à vida pessoal, quatro desses jovens, três garotas e um garoto, falam explicitamente em casar no futuro e constituir uma família. Três deles pretendem continuar morando na zona rural.

Somente um dos entrevistados, Jailton, não faz referência a voltar a estudar. Eduardo pretende terminar o primeiro grau e não deseja fazer o segundo grau, segundo ele, para não ficar *lerdo* de tanto estudar; pretende ser mecânico de automóveis. Celso pretende ser professor, portanto deverá retornar à escola. Mariana pretende fazer o segundo grau e diz não possuir preferência por uma profissão ainda. Também Lívia não decidiu o seu futuro profissional ain-

da, mas pretende cursar o segundo grau e conseguir um emprego para dividir as despesas da casa com o futuro marido. Somente Celma, de todos os entrevistados, pretende fazer um curso de nível superior: administração.

É possível que o curso da vida nas zonas rurais — nascer, crescer, trabalhar, casar e ter filhos — se encontre na origem da sistematização dos planos para o futuro desses jovens, em contraposição aos jovens das zonas urbanas evadidos da escola. Trata-se apenas de uma hipótese, mas este é um dado que merece melhor ser esclarecido por estudos posteriores. Os valores da vida para os jovens em função da área onde residem deve se constituir em um interessante estudo para que possamos melhor compreender os adolescentes e suas relações com o devir.

3.4 O DISCURSO DOS PAIS SOBRE A EVASÃO DOS SEUS FILHOS

3.4.1 O Discurso dos Pais de Jovens Urbanos sobre a Evasão

Passemos agora a analisar o discurso dos pais sobre a evasão dos filhos. Lembremos, aqui, que os pais entrevistados não são os pais dos adolescentes que entrevistamos, por razões que explicitamos na ocasião em que abordamos a metodologia da nossa pesquisa. Analisemos, pois, o primeiro quadro de depoimentos.

Quadro 7: O Discurso dos Pais de Jovens Urbanos sobre a Evasão

Renato, pai, Coutos

“O que posso lhe dizer é que ele tem dois anos que parou de estudar. Veio me dizer que não queria mais. Mentira. Foi a prostituição, a droga, o roubo(...)Mesmo assim fui na escola e matriculei, aí ele não foi. Ele é discarado, um safado...Lá na escola nunca foi...”

Gilda, mãe, Coutos

“Ele tá uma coisa triste. Num quer estudar porque tá trabalhando pela manhã e pela tarde. Queria que ele fosse pra escola pra aprender a fazer o nome dele. Quando eu recramo, ele me responde e aí vai pra rua....Cheguei a matricular na escola, mas ele faltava muito. Num passava de ano e dava nome na sala quando ia. Ele tá muito ignorante.”

Joselita, mãe, Nordeste de Amaralina

“Ele não quer nada com escola e só pensa em malandragem. Matriculo ele desde os sete anos e ele foge pra ficar na rua com os pivete. Eu ia na escola buscar ele as professora me dizia que ele num tinha aparecido. Fugia e sumia. aí eu ia no módulo (polícia), hospital...ele aparecia depois de dois dias...E aí eu batia nele que ele ficava mole e caía no chão...Mas num adiantou, não...ele fugia da escola de novo...”

Ana, mãe, Coutos

“Fiz de tudo por essa menina., mas ela só me dá desgosto. Só quer saber de festa, carnaval...Matriculei esse ano na escola e quando fui saber num ia pra aula. Foi uma vizinha que me disse que ela ficava na rua com as amiga...Morro de medo daquela peste engravidar. É o cão, e só tem 13 ano. Num sei mais o que faço...Me disse que quer trabalhar pra comprar as coisa dela...”

Celeste, mãe, Nordeste de Amaralina

“Ela sempre me deu gosto nos estudo. Era boa aluna e as professora tudo gostava dela. Mas aí conheceu esse rapaz. e quando me dei por conta já tava era grávida...E aí teve de parar de estudar pra cuidar do filho e da casa. Mas é um bom rapaz em vista dos que tão por aí. Trabalha e num deixa faltar nada em casa...”

Neide, mãe, Nordeste de Amaralina

“Ela é muito boa menina, mas pra escola nunca deu, não. Vivia me chamando na escola e as professora me dizia que ela tinha problema de cabeça e que num conseguia aprender. Fez a 1ª série um bocado de vez até que desistiu tem dois ano...Fica em casa me ajudando...Adora televisão, e prá isso tem inteligência. Sabe o nome de tudo que é artista de novela...”

Intrigante o fato de que nenhum dos pais entrevistados de garotos evadidos confirma a hipótese econômico-mecanicista de que seus filhos deixaram a escola porque tiveram de trabalhar. O depoimento contundente do primeiro entrevistado, único pai, remete as razões da evasão do filho ao seu envolvimento com prostituição e drogas. O segundo depoimento é de uma mãe que expõe a sua impotência diante da recusa do filho de obedecer a suas ordens de ir à escola. O terceiro depoimento, por sua vez, é de uma mãe cujo filho parece envolvido com o mundo do crime. Adolescentes prostitutas, desobedientes e criminosos. Registro nada convencional para uma pesquisa sobre evasão escolar. As causas apontadas nos remetem a um universo exterior à escola. Já não se trata de cotidiano escolar ou de professores que não ensinam, mas de um real que parece invisível aos pedagogos, muito preocupados com a escola e suas relações com a luta de classes. Um pai nos confessa que o filho é *descarado*, e uma mãe nos fala da prática de bater no filho até que ele fique *mole*. A realidade é, certamente, bem mais complexa do que supomos quando se trata de entender as razões pelas quais os jovens de baixa renda deixam a escola.

O discurso sobre as razões pelas quais as filhas evadiram-se da escola comporta três dimensões distintas. O primeiro caso é o relato de uma mãe sobre uma filha que a havia enganado dizendo que estava freqüentando a escola quando, em verdade, não estava. O segundo caso descreve a história de uma menina que parou de estudar para assumir o seu papel de mãe e de esposa. O terceiro caso, por sua vez, trata de uma jovem com problemas de aprendizagem. Nenhuma semelhança entre eles. Três histórias femininas que, em uma primeira abordagem, parecem não ter nada em comum. Não obstante, e mais uma vez, é o lugar do feminino no universo da população de baixa renda que se apresenta como fio que tece as três narrativas.

Importante que sublinhemos a diferença que se estabelece nas narrativas em função do gênero. A narrativa dos pais sobre os filhos que deixaram a escola é carregada de angústia. Ex-cetuando as preocupações da mãe de nossa primeira entrevistada sobre a possibilidade de a filha engravidar, as narrativas sobre as filhas que deixaram a escola não trazem a mesma mar-

ca de angústia. A filha que se casou e a filha que não conseguiu aprender não constituem nenhuma transgressão da norma, ao contrário do garoto que se prostituiu e do garoto que ingressou no mundo do crime.

Interessante notar que, de todas as histórias relatadas pelos pais, somente uma tem relação direta com a escola no que diz respeito às razões para evasão: a garota que não conseguia aprender. Todas as outras histórias nos remetem a razões que não têm qualquer relação com a escola. Filhos que se prostituem ou se casam não têm qualquer relação com o universo escolar. A evasão, pelo menos para esses pais, não se explica pela qualidade do serviço da escola. Mas por que, então, desistiriam seus filhos de estudar, em última instância?

Observando os depoimentos dados pelos pais, é patente que atribuem como causa última da evasão a *natureza* dos filhos. É partindo dessa natureza que o pai de nosso primeiro sujeito se refere ao filho como descarado. Mas é também da mesma natureza de que fala o último depoimento de uma mãe sobre a impossibilidade da filha de aprender. Natureza de causa última, que se esgota em si mesma e não remete a uma reflexão sobre a origem social dos traços de personalidade dos filhos. Assim é que temos o depoimento de uma mãe que diz já ter feito tudo para o filho dar certo, inclusive usar da violência, mas que de nada adiantou. Impossibilitada, pois, tal mãe de se culpar pelo destino do filho, resta-lhe culpar a natureza. Nenhuma reflexão sobre a pobreza. Os filhos deixam a escola porque assim estava escrito. São eles pobres também porque assim estava escrito. Pais evadidos, talvez, que falam de filhos evadidos. Talvez percam noites perguntando a si mesmos: *onde foi que erramos, já que todo o resto da sociedade está certo?*

Não obstante seja clara a diferença das razões para a evasão dos filhos em função do gênero, os depoimentos dos pais não nos permitem inferir qualquer diferença nas razões da evasão dos filhos em função do bairro onde residem, zona periférica e zona central da cidade do Salvador.

3.4.2 O Discurso dos Pais de Jovens Rurais sobre a Evasão

Passemos a seguir a fazer uma análise dos discursos dos pais de jovens residentes na zona rural sobre a evasão de seus filhos.

Quadro 8: O Discurso dos Pais de Jovens Rurais sobre a Evasão

Helena, mãe, Sergi (Mercês)

“Ele tem 17 anos e largou os estudo na 3ª série. É cabeça dura. Tá trabalhando com o tio de matar boi e botar boi no pasto. Ele passou uns 15 dia com as vista doente. Eu fui informar a professora que ele tava sem ir pra escola por causa disso, mas quando ele voltou pra escola, ela disse que não ia dar os assuntos pra ele, não. Mandeí ele falar com a diretora. Ele disse que não ia e largou.”

Maria, mãe, Sergi (Mercês)

“Tem dia que ele arruma serviço e outros fica vadiando. Sabe fazer trabalho de açogueiro. Tá arrependido de ter largado da escola porque tem precisão de tirar os documento e tá com vergonha de botar o dedo na hora de assinar o nome(...)Nessa família, da parte do pai dele, os home são tudo assim. As mulheres são mais inteligente e estudam mais. Por parte da minha família, todos são mais interesseiros pro lado de estudo. Só eu que num estudei direito e largei a escola no primeiro ano(...)Ele sempre teve bom comportamento, mas num tem interesse no estudo. As professora gostava dele, mas reclamava que ele num estudava.”

Carmem, mãe, Sergi (Mercês)

“Ele repetiu a 1ª série uma vez. Tem preguiça de estudar. Na escola dizia que tava doente, com dor de cabeça, deu pra chorar na sala. Aí as professora mandava pra casa. Fui conversar com as professora porque ele faltava tanto que num podia mais estudar. Fui pedir autorização na Secretaria de Educação pra ele voltar a entrar na escola. A secretaria disse pra eu levar ele no médico. Fez os exame, mas só deu verme e infecção urinária. Pela idade já podia estudar à noite. Ele chegou a estudar de noite e saiu. No ano passado tinha o noturno, mas num matriculei ele. Fiquei com vergonha de pedir vaga pra ele. Tem pessoas que quer estudar e num encontram vaga. Vou deixar que ele mesmo procure o colégio se quiser estudar, porque ele já tem idade pra isso (...)Nunca recebi reclamação dele. E os colega gostava dele. Na sala ele ficava quieto e cochilava na cadeira. A professora pensava que era cansaço do trabalho e liberava mais cedo. Ela mandava ele copiar os dever e vim dormir em casa. Ela achava ele pequeno pra idade, mas eu alimentava ele bem. Ele gosta muito de comer”.

Idalina, mãe, Sergi (Mercês)

“A juventude de hoje num quer conselho. Ela morava há oito ano em Salvador com uns parente, aí se aborreceu lá e veio pra casa este ano. Dei muito conselho pra ela continuar estudando aqui, mas também se aborreceu no colégio porque nunca perdeu nas prova em Salvador e aqui perdeu em duas prova. Achou que tava difícil pegar os assunto agora no meio do ano. Disse que não quer mais estudar aqui. Mas é falta de interesse dela.Vou vê se acho vaga pra ela em Feira de Santana, Salvador ou São Paulo. A gente tem parente lá e ela vai ter com quem morar.”

Zulmira, mãe, Sergi (Mercês)

“Sempre foi boa aluna. Com a minha filha mais nova, eu preciso ajudar nos estudo, mas com ela nunca foi preciso. Ela é muito inteligente. Ela cursou até a 4ª série na escola municipal. Depois passou pra estadual, não sei como foi que ela num se deu bem, se com os professores ou se com os amigo que até perdeu o ano na 5ª série. Briguei com ela porque num sabia o que era. No início do namoro pensei que era por causa do namorado. Então deixei namorar em casa. Esse ano ela ia bem na escola e aí engravidou. Invocou com a cara do professor, ficou com vergo-

nha de sair na rua e os pessoal perguntar(...)A maioria das menina aqui num tem as condições e a liberdade que ela tem. Aí eu fiquei revoltada porque ela largou os estudo. Pinteí o diacho porque ela é nova, mas já tinha acontecido e o que era que eu podia fazer? Melhor seria se num tivesse engravidado, mas é o que eu digo pra ela, assim como eu pude criar dois filho sozinha e nunca pensei em tirar barriga, ela também vai ter esse filho.”

Iracema, tia, Sergi (Mercês)

“O dia-a-dia de Jocélia é cuidar da casa e passar. Ela fala que deseja voltar a estudar. Ela trabalhou de babá em Salvador e quando ela voltou pra cá esse ano, eu falei que ela não podia ficar sem estudar. Pedi uma vaga pra ela estudar, mas ela nun continuou. Disse que deixou só porque estava difícil de acompanhar. Quando ela chegou aqui as aula já tinha começado fazia uma mês. Ela me disse que num tava entendendo as matéria, mas acho que ela num devia sentir dificuldade porque tava repetindo a 5a série. Acho que ela num tem muito interesse nos estudo. Eu comprei farda, material e num adiantou de nada.”

O discurso dos pais sobre a evasão dos garotos na zona rural não traz a marca da violência e da angústia que atravessa o discurso dos pais dos garotos das zonas urbanas. Mas, coincidindo com os discursos dos pais de garotos das zonas urbanas, não confirmam a hipótese econômico-mecanicista de que os filhos deixaram a escola pela impossibilidade de conciliá-la com o trabalho. A primeira mãe se limita a declarar que o filho tem *cabeça dura*, tendo abandonado a escola depois de ter-se afastado por um período de quinze dias, motivado por um problema de saúde. Refere-se ao fato de a professora ter-se recusado a ajudar o filho, mas, ao mesmo tempo, culpa o filho por não ter relatado a recusa da professora em ajudá-lo à direção da escola. A segunda mãe, não obstante registre o fato de o filho estar arrependido de ter largado a escola porque não sabe assinar o próprio nome, deposita na família do pai do garoto a possível origem do seu desinteresse pela escola. Mas também essa mesma mãe, pondo-se como exceção em sua própria família, na qual os membros nutrem maior interesse pela escola, evadiu-se aos dez anos de idade. A terceira mãe buscou, primeiramente, uma causa orgânica para a não-adaptação do filho à escola. Mas, como ela mesma declarou, tal causa não foi encontrada, e o seu filho se alimenta muito bem. Rendida pela falta de evidências orgânicas, limita-se a narrar como se deu o processo de fracasso do filho na escola e o acusa de preguiça de estudar. Não desejando mais ocupar uma vaga na escola para um jovem que não deseja estudar, vai esperar que o próprio filho decida sobre a possibilidade de voltar a estudar.

O discurso das mães das garotas evadidas coincidem nos motivos para evasão em duas narrativas, Idalina e Iracema. As garotas retornam de um período em que moraram em Salvador e não se adaptam à escola. Conseqüentemente, desistem de estudar. Apenas o relato de Zulmira traz a marca da diferença de gênero nas razões para a evasão da filha: grávida, a garota ficou envergonhada de enfrentar os membros da comunidade rural. Essa mãe, todavia, não esconde a sua indignação frente à atitude da filha de ter engravidado e deixado a escola.

Coincidindo com o depoimento dos pais de jovens evadidos das zonas urbanas, os pais de jovens evadidos da zona rural identificam as razões dos filhos deixarem a escola em motivos extra-escolares. Mesmo quando se trata de casos de problemas em acompanhar os conteúdos, os pais ressaltam a falta de interesse dos próprios filhos. Nenhuma reflexão crítica sobre o valor da escola na vida desses jovens é apresentada pelos pais. Mais uma vez, vemos os depoimentos confirmarem que a culpa do fracasso e da evasão escolar dos pobres é dos pobres, não de um complexo de fatores que culmina com a expulsão das populações não-privilegiadas do universo escolar.

3.5 O DISCURSO DOS PAIS SOBRE A ESCOLA

3.5.1 O Discurso dos Pais de Jovens Urbanos sobre a Escola

Analisemos a seguir o discurso dos pais de jovens residentes nas zonas urbanas sobre a escola:

Quadro 9: O Discurso dos Pais de Jovens Urbanos sobre a Escola

Renato, pai, Coutos

“Hoje tá tudo diferente. Naquele tempo a professora botava a gente de castigo, chamava pai e mãe na escola. Você tinha de aprender e guardar tudo na cabeça. Hoje a juventude quer até bater no professor. Mas acho que a escola é boa. R. é que é um discarado e só quer saber de prostituição...”

Gilda, mãe, Coutos

“A escola é boa, é os menino que num se interessa. Mas acho que a escola devia puxar mais do aluno. Antigamente era melhor. Era mais difícil e a gente tinha que saber ler e fazer conta. Hoje é tudo como o aluno quer...”

Joselita, mãe, Nordeste de Amaralina

“Escola boa era a do meu interior. A professora quando a gente num sabia batia. Hoje é tudo uma bagunça. As professora, coitada, só falta correr doida com tanta bagunça...E essa juventude tá perdida, num quer nada. Só quer saber de malandragem...”

Ana, mãe, Coutos

“Num tem escola boa pra aluno que num quer estudar. O governo dá escola, mas a juventude num quer nada. Só quer é vadiar na rua...Eu, coitada, no meu tempo, vivia era de castigo porque nunca aprendi as conta de matemática. Mas, é isso mesmo. Hoje tá tudo mais fácil, mas é a juventude que num quer nada...”

Celeste, mãe, Nordeste de Amaralina

“Aqui em casa só ela parou de estudar porque arranjou filho...O resto é tudo na escola...Eu gosto da escola dos menino, mas as vez as professora num aparece e os menino fica sem aula. Escola do governo o senhor sabe como é, né? Mas fazer o que se a gente num tem dinheiro pra colocar menino em escola particular?”

Neide, mãe, Nordeste de Amaralina

“Até que a escola num é ruim, não. Os outro dois (filhos) tão indo é bem na escola. Mas acho que é muito fraco o ensino. Meu mais velho tá na 4ª série e num sabe nem fazer conta direito. Acho que as professora de hoje num cobra dos alunos como antigamente...O ensino é meio fraco, né?”

Chamemos atenção, primeiramente, para o interessante registro de cinco de nossos entrevistados fazerem referência à escola antiga como ideal de disciplina e de aprendizagem. Muito embora possa se tratar de uma coincidência, ressaltemos que três desses depoimentos são dados por pais de adolescentes do sexo masculino. Esses cinco pais julgam a escola atual como por demais permissiva. Dois deles fazem referência explícita ao castigo como método eficaz de ensino utilizado quando freqüentavam a escola. A escola de hoje, segundo esses dois pais, não faz com que os seus alunos aprendam porque não pune. Todos eles parecem expressar um certo sentimento de saudosismo em relação à escola de seus tempos.

Ressaltamos aqui o depoimento da mãe da primeira garota no quadro . Chamada a falar sobre a escola, afirma que a escola não é determinante da aprendizagem. Importante para ela é o interesse do aluno em aprender. Não acredita, todavia, que existam jovens interessados em aprender, atualmente. Portanto, para ela não há nada a enunciar sobre a escola. Esse depoimento nos chamou atenção pelo fato de sublinhar o papel da motivação do aluno no seu processo de aprendizagem. Nestes tempos atuais, nos quais as rotinas componentes do cotidiano escolar dominam as explicações sobre o fracasso escolar, é sempre bom lembrar, como faz essa mãe, que não podemos falar sobre escola sem considerar a motivação dos alunos para aprender. Arriscamo-nos a dizer que a motivação de que fala tal mãe não é a motivação de ordem intrínseca. Não nos parece falar, essa mãe, do uso de computadores ou de qualquer outro recurso que supõem alguns educadores capazes de motivar o aluno pelo simples fato de serem novidades. Ela parece referir-se, simplesmente, ao prazer de aprender, ao prazer da descoberta.

Merece destaque, aqui, o depoimento da segunda mãe (garota) sobre a escola. Diz ela gostar da escola dos filhos, não obstante reclame da falta freqüente de professores. O destaque, todavia, fica por conta da referência que faz essa mãe à escola pública. É contundente a sua resignação frente à impossibilidade de fazer qualquer coisa senão aceitar o caos do ensino público, porque não tem condições financeiras de colocar os filhos em uma escola particular. Parece evidente que, para essa mãe, o público não lhe pertence. A escola, como vemos claramente em seu discurso, é do governo. Portanto, não lhe pertence. É mister que nós, educadores, atentemos para o fato de, como nesse caso, há pais de alunos que não têm sequer consciência de sua condição de cidadãos. Elegem os governos, mas parecem não ter consciência da função do voto. Parecem não conceber o governo como representante de sua vontade. Falam, como essa mãe, de escola do governo. Mais grave, como declarou essa mãe, nada fariam para mudar o quadro atual da escola do governo se tivessem dinheiro para manter o filho em uma escola particular. Nesse discurso, sustentado por essa mãe, vemos claramente como os nossos cidadãos de classes populares identificam o que é bom com o privado e o que não presta com o público.

Registremos que os dados apresentados não nos permitem fazer qualquer inferência sobre a variação dos depoimentos, seja em função do gênero dos filhos dos pais entrevistados, seja em função do local de moradia, zona periférica e zona central da cidade de Salvador.

3.5.2 O Discurso dos Pais de Jovens Rurais sobre a Escola

Passemos a seguir a analisar o depoimento de pais de jovens residentes na zona rural sobre as escolas que freqüentaram os seus filhos.

Quadro 10: O Discurso de Pais de Jovens Rurais sobre a Escola

Helena, mãe, Sergi (Mercês)

“A escola é boa, num falta nada. Quando tem caderno e lápis, dá pros menino. O interesse é deles de querer ficar na escola. As professora vem pra ensinar e os menino num aprende. Elas tão perdendo tempo com esses meninos rebelde. Muitas mãe acham que os filhos dela estão certo. Elas acham que a professora tem de ensinar tudo, mas nós é que devemos ajudar(...)Acho a escola importante. Se com a escola anda tudo do jeito que anda, imagina sem ela. A escola serve pra tudo: pra educar, pra ensinar, pra ser uma pessoa na vida(...)ele tem muitos amigo que estão na escola. Os que estão sem estudar é por falta de interesse. A escola tá aqui perto. Tem os que vem de longe e estudam, e os daqui, não...abusam da sorte.”

Maria, mãe, Sergi (Mercês)

“Num acho a escola ruim. Minhas filha aprenderam tudo aí. Tem umas professora boazinhas. Hoje em dia a escola tá na porta de casa, só num estuda quem num quer. De primeiro a gente tinha que andar da roça pra escola que era longe, pegando chuva pra estudar(...)A escola é importante. Como é que pode uma pessoa sem estudar? Vai procurar uma coisa e fica sem saber ler, na hora de ir pro caixa, num sabe receber o troco (...)Uns amigos dele são parente e outros não. A maioria abandonou os estudo por falta de interesse.”

Carmem, mãe, Sergi (Mercês)

“Acho a escola boa pra quem estuda no noturno porque quem estuda de noite não precisa de espaço pra brincar. A escola num tem muita área. Antes funcionava uma delegacia ali. Só são duas salas, uma ligada na outra. Era tudo assiado e só tinha uma professora (...)Venho quebrando a cabeça dele porque acho que ele vai se arrepender. O importante pra gente é o estudo. O padrasto num dá opinião nenhuma, coloca a culpa em mim. Sempre as mãe são culpada disso.”

Idalina, mãe, Sergi (Mercês)

“De primeiro o ensino era diferente. Era melhor porque os aluno num eram malcriados. Se num aprendesse, rachava a mão no bolo com a palmatória pra saber dar valor ao colégio, pra dormir de noite pensando no dia d’amanhã. Hoje eles vêm pra casa e num fazem os dever, nem na escola e nem em casa. (...)Acho os professores da escola ótimos. Que mal eu posso falar delas se foi a minha filha que largou a escola?”

Agora ela tem ficado dentro de casa fazendo os serviço que eu fazia. Eu saio pra trabalhar em casa de família e ela fica aí. Os irmão chega da escola e ela olha e cuida deles (...)As amigas dela estudam. São parente que moram por aqui. Não sei se pensam em largar os estudo, quem sabe?”

Zulmira, mãe, Sergi (Mercês)

“Quando os professores eram daqui mesmo parece que respeitavam mais a gente. As professoras do estado cobram muito e oferecem muito pouco. Nem tudo que ensinam eu aceito e adapto. Muita gente desistiu, tendo até transporte pra trazer, tinha gente que vinha de longe, de pé, no sol, mas achou o ensino muito difícil. O que os professores aprendem na faculdade, em Feira, querem ensinar do mesmo jeito pros alunos de 5ª e 6ª série. Isso é ruim e faz todo mundo desistir e perder. O futuro de muita gente tá no estudo. Digo pra ela: se ela prantar o que é o bom vai dar o que é bom pros filhos. Os estudo ensina boas maneiras (...)O padrasto dela num pode dar nem cobrar porque num teve estudo. Ele é meio grosseiro. Eu mesmo que ensinei a ele a assinar o nome(...)Suas amizade num são gente estranha, são primas, vizinhas e o noivo, num há com que eu me preocupar.”

Iracema, tia, Sergi (Mercês)

“A escola é boa. Jocélia se dava muito bem com a professora. Ela num gostava quando tinha aula de matemática. A escola é importante porque dá pra gente mais oportunidade na vida e facilita o emprego.”

Os pais de jovens evadidos da zona rural, em sua maioria, consideram as escolas nas quais seus filhos estudaram como boas. Somente a mãe de um garoto e a mãe de uma garota criticaram o espaço físico e a metodologia de alguns professores, respectivamente. O restante dos pais considera a escola como sendo boa, e considera que o problema da escola atual é a falta de interesse dos alunos. Uma mãe de garota lamentou a abolição da palmatória como método de ensino. Já a mãe de um garoto registrou a sua impossibilidade de compreender o desinteresse dos jovens de hoje pela escola. Segundo essa mãe, hoje a escola está mais próxima fisicamente dos alunos, e mesmo assim eles não têm interesse. Todos os pais entrevistados foram unânimes em reconhecer a importância da escola na formação e na garantia de um futuro mais promissor para os jovens.

Um dado interessante que merece o nosso comentário encontra-se no depoimento da mãe de uma jovem, Zulmira, ao criticar a metodologia de ensino de professores não oriundos da região. Supomos que o que se encontra por detrás de tal crítica é o desconhecimento, por parte desses professores, da realidade dos alunos da zona rural. Esses professores parecem cobrar dos alunos mais do que eles podem oferecer, tornando a escola não-atrativa para os jovens. Talvez falte um canal de comunicação mais efetivo, entre os agentes pedagógicos e os membros da comunidade, para avaliar a metodologia de ensino dos professores e o seu impacto no rendimento e na auto-estima dos alunos.

3.6 O DISCURSO DOS PAIS SOBRE O FUTURO DOS FILHOS

3.6.1 O Discurso dos Pais de Jovens Urbanos sobre o Futuro dos Filhos

Reportemo-nos a seguir à nossa análise dos discursos dos pais de jovens urbanos sobre o futuro de seus filhos evadidos.

Quadro 11: O Discurso dos Pais de Jovens Urbanos sobre o Futuro dos Filhos

Renato, pai, Coutos

“Eu queria um futuro muito diferente pra ele, mas do jeito que ele vai o futuro dele é envergonhar a família. Lugar de vagabundo é na cadeia. O senhor num sabe a vergonha que é pra eu e pra mãe dele ter um filho assim...Mas é só ficar de maior e eu boto pra correr de casa...Num quero ele envergonhando a gente, não...”

Gilda, mãe, Coutos

“Só num quero que dê pra vagabundo. Quero pelo menos que ele arrume um bom emprego e arrume uma mulher honesta pra ser mãe dos filho dele...”

Joselita, mãe, Nordeste de Amaralina

“Eu quereia que ele desse pra gente. Mas num sei, não. Aquele alí só pensa em malandragem. Tá internado em uma casa de menores agora. Quando sair, sabe Deus. Eu, meu Deus, eu morro de vergonha de ter um filho assim...”

Ana, mãe, Coutos

“Deus dê juízo àquela menina. É muito nova e num sabe nada da vida e se acha a dona do mundo. Num sei o que vai ser dela. Num queria que fosse trabalhar como doméstica como eu, mas sem estudo, vai fazer o quê?”

Celeste, mãe, Nordeste de Amaralina

“Só num quero que amanhã ou depois largue do marido e venha se socar aqui em casa com os filho. Eu já criei os meu e num tenho paciência mais pra menino...”

Neide, mãe, Nordeste de Amaralina

“Sabe que num sei. Ela num gosta de nada, só de televisão. Nem de festa ela gosta. Já quis arrumar um serviço pra ela na casa da irmã da minha patroa, mas num durou uma semana...Ela só gosta de ficar em casa, cozinhar, arrumar, cuidar dos irmão e assistir o diabo da televisão. Num sei o que vai ser daquela menina...”

Iniciemos nossa análise pelo discurso dos dois pais com filhos envolvidos com a contravenção. Certamente, tais pais gostariam de imaginar outro futuro para os seus filhos, não obstante parecem os dois não acreditar na possibilidade de sua recuperação. Interes-

sante ainda registrar o sentimento de vergonha partilhado por ambos esses pais em relação aos filhos.

A mãe do segundo garoto inicia o seu discurso sobre o futuro do seu filho por aquilo que não deseja que ele venha a se tornar: marginal. Seu desejo não traz qualquer ambição em relação ao filho. Deseja-lhe o destino comum dos homens honestos das camadas populares, nada mais.

Os depoimentos das mães das garotas ilustram três posições distintas do universo feminino. A primeira mãe externa a sua angústia frente a uma filha que não lhe permite, enquanto mãe, fazer uma previsão sobre o seu futuro. Essa garota nos ilustra um caso interessante em relação à posição que ocupa no universo feminino. Ela se coloca no lugar de uma filha cujo futuro é incerto, imprevisível, mas que deverá acontecer. Referência estranha, tratando-se de uma adolescente de classes populares que, em geral, torna-se mãe. Já a segunda mãe externa a sua preocupação de que o casamento da filha possa vir a chegar a um fim. Interessante notar que sua preocupação não se refere ao bem-estar da filha, mas à possibilidade de que esta venha, juntamente com os filhos, a morar em sua casa. A terceira mãe nos remete a uma situação que se aproxima do caso da mãe de nossa primeira entrevistada: também essa mãe não consegue visualizar o futuro de sua filha. Mais ainda, enquanto a primeira mãe tem a certeza de que algum futuro está reservado a sua filha, essa última vive a angústia de que nenhum futuro parece possível a sua filha. É uma possibilidade que tal filha não venha sequer a se tornar mulher, casar e ter filhos.

Independentemente do gênero dos filhos, os pais entrevistados não fazem qualquer referência à possibilidade de que eles, os filhos, voltem a estudar no futuro. Não parecem permitir-se tal esperança; ou ainda, falam do futuro dos filhos como se narrassem o destino que parece reservado a cada um deles. Tal futuro certamente passa ao largo dos muros do universo escolar.

Os dados apresentados nos depoimentos não nos permitem fazer qualquer inferência sobre diferença de conteúdo dos discursos dos pais sobre o futuro de seus filhos em função do local onde residem, zona periférica e zona central da cidade do Salvador.

3.6.2 O Discurso dos Pais de Jovens Rurais sobre o Futuro dos Filhos

Procedamos a seguir à análise dos discursos dos pais de jovens residentes na zona rural sobre o futuro dos seus filhos evadidos.

Quadro 12: O Discurso dos Pais de Jovens Rurais sobre o Futuro dos Filhos

Helena, mãe, Sergi (Mercês)

“Meus filho num dizem nada do futuro. Às vezes eu pergunto e eles correm da conversa. Esse de 17 anos diz que vai comprar um carro e ser motorista. Dirige a belina do tio.”

Maria, mãe, Sergi (Mercês)

“O futuro dele é esse: quando chegar a idade vai tirar os documento e ser açougueiro. Os tios dele tudo cortam boi e trabalham por aqui (...)Eu num sei o que ele planeja, mas sei que meus filho num são de beber, de fumar e nem de festa. São de comer muito, isso é bom.”

Carmem, mãe, Sergi (Mercês)

“Ele num me diz nada do futuro. Acho que a única profissão que ele pode aceitar é vaqueiro porque ele é louco por gado. Outro trabalho ele larga, mas de vaqueiro trabalha até de graça. Diz que não quer casar.”

Idalina, mãe, Sergi (Mercês)

“Ela dizia que queria ser advogada e que queria casar, morar fora daqui porque aqui é um lugar atrasado. Eu oriento, se eu vejo que vai dar certo, eu digo logo. Também se acho que num vai ser bom, digo pra tirar logo da cabeça.”

Zulmira, mãe, Sergi (Mercês)

“Não interfiro, sou liberal. Converso sobre a vida. O que ela fala é fruto do que eu digo pra ela. Ela é grandona, mas a cabeça é de adolescente. Peço que num tenha muitos filho, porque se tiver só um filho é um pão inteiro que ele come, se tiver dois ou três tem de repartir o pão em dois ou três pedaço.”

Iracema, tia, Sergi (Mercês)

“Uma pessoa que deixa a escola, eu num sei nem dizer o que pensa do futuro. Acho que ela num quer nem trabalhar, porque se quisesse arrumava um trabalho de doméstica ou alguma coisa...”

O discurso dos pais de garotos sobre o seu futuro parece já definido profissionalmente: o primeiro será motorista, o segundo, açougueiro, e o terceiro, vaqueiro. Nenhuma das profissões exige, necessariamente, que tais jovens retornem à escola para concluir pelo menos o primeiro grau. Os discursos dos pais atestam isso ao não fazerem sequer referência sobre um possível retorno dos garotos à escola.

O discurso dos pais de garotas sobre o seu futuro já não se apresenta tão definido como no caso dos garotos: a primeira mãe fala dos planos de uma filha evadida que deseja casar, deixar a zona rural e ser advogada; a segunda mãe está preocupada com o número de filhos que sua filha vai ter e, ao se auto-denominar liberal, não deseja interferir no futuro da jovem; já a terceira, que se trata de uma tia, não consegue prever um futuro sem escola, como deseja sua sobrinha. Ainda segundo essa tia, a sobrinha não deseja sequer trabalhar.

Registremos, finalmente, que também no discurso sobre o futuro das garotas a retomada dos estudos não é mencionada pelos pais. É certo que a mãe da primeira garota fala do desejo da filha de ser advogada, mas não é capaz de pensar na continuidade imediata do estudo da filha, etapa necessária para que possa realizar o seu sonho de cursar direito. E talvez não passe de um sonho, simplesmente.

4 PRINCIPAIS ACHADOS

4.1 SOBRE A EVASÃO ESCOLAR

OS JOVENS EVADIDOS

- (a) Existe indicativo de que o gênero seja uma das categorias a serem consideradas na compreensão das razões que levam os jovens de classes populares a abandonarem a escola. Três das jovens residentes na zona urbana deixaram de estudar para desenvolver atividades domésticas, enquanto que nenhum dos jovens assim procedeu. Uma jovem residente na zona rural deixou a escola porque engravidou.
- (b) Entre os jovens do sexo masculino residentes na zona urbana e na rural, o trabalho não se configura como razão predominante para se deixar a escola, o que contraria a tese econômico-mecanicista de que os jovens de classes populares priorizam o trabalho em detrimento da educação escolar. Indisciplina, fracasso escolar, desinteresse pelos conteúdos, dificuldades de aprendizagem, comportamento inadequado de agentes pedagógicos são algumas das razões apontadas por esses jovens como importantes na tomada de decisão de se evadirem.
- (c) As categorias indisciplina, fracasso escolar, desinteresse pelos conteúdos e dificuldades de aprendizagem são, também, referências encontradas nos discursos sobre evasão das jovens do sexo feminino de zonas urbanas e rurais.
- (d) As razões apontadas pelos jovens de ambos sexos residentes na zona urbana e na rural para deixarem a escola parecem indicar o pouco valor que lhe conferem em suas vidas.
- (e) As explicações dadas pelos jovens de ambos os sexos residentes na zona urbana e na rural para abandonarem a escola oscilam entre explicações de ordem intrínseca à escola e extrínseca. Configuram razões de ordem intrínseca: a indisciplina, o fracasso escolar, as condições físicas da escola e o ambiente escolar. Configuram razões de ordem extrínseca: o trabalho (somente para os garotos), as tarefas domésticas (somente para as garotas), e o gosto pelo lazer.
- (f) Ainda que apresentando razões de ordem extrínseca e intrínseca à escola, nenhum dos nossos entrevistados apresentou elaboração crítica sobre as razões que o levaram a deixar de estudar na qual se estabelecesse, claramente, um vínculo causal entre a sua condição sócio-econômica e o fato de se encontrar fora da escola.
- (g) Os dados não sugerem a possibilidade de estabelecermos uma diferenciação clara das razões que levaram os jovens entrevistados a deixarem a escola em função do local onde residem, zona urbana e zona rural.

OS PAIS DE JOVENS EVADIDOS

- (a) O gênero se constitui em categoria determinante da explicação das razões apresentadas pelos pais de jovens residentes na zona urbana para que seus filhos deixassem de estudar. Enquanto os pais de jovens do sexo masculino apontaram a prostituição, as

drogas e a marginalidade como razões para evasão, os pais de jovens do sexo feminino não fizeram referências a tais categorias explicativas.

- (b) Os pais de jovens do sexo masculino residentes na zona rural tendem a buscar explicações sobre a evasão dos filhos em razões orgânicas e/ou genéticas que motivam a falta de interesse dos seus filhos pela escola. Os pais de jovens do sexo feminino creditam as razões da evasão de suas filhas a dificuldades de aprendizagem associadas à falta de interesse, em dois casos, e a uma história de gravidez, em um dos casos.
- (c) Independentemente do gênero, as razões apresentadas pelos pais residentes na zona urbana e na rural para explicar a evasão de seus filhos são de ordem extrínseca à escola: prostituição, drogas, marginalidade, desobediência aos pais, trabalho doméstico, etc. (zona urbana) e herança genética, desinteresse, gravidez, etc. (zona rural). A mãe de uma das jovens entrevistadas residente na zona urbana fez referência a uma razão de ordem aparentemente intrínseca à escola: a multirrepetência da filha. Contudo, tal multirrepetência é explicada por essa mãe pela impossibilidade da filha de assimilar os conteúdos ensinados. O seu depoimento deixa claro que não há nada de errado com a escola em si, mas com a inteligência da própria filha. Portanto, trata-se de uma razão de ordem extrínseca.
- (d) As razões para a evasão dos filhos, todas de ordem extrínseca, fazem com que os pais busquem a causa última do comportamento de seus filhos nos traços de personalidade de cada um (*a natureza dos filhos*). Com exceção da referência ao caso da jovem que deixou a escola por causa do casamento, todos os outros jovens, segundo o depoimento dos pais, apresentam desvios de comportamento que são traduzidos pelas categorias discursivas: marginalidade, drogadicção, prostituição, desobediência à autoridade dos pais e dificuldades na aprendizagem (zona urbana) e hereditariedade, desinteresse, gravidez e dificuldades na aprendizagem (zona rural).
- (e) A ausência de referência ao universo escolar, juntamente com a tendência individualizante das explicações apresentadas pelos pais para a evasão dos seus filhos, apontam para a impossibilidade desses pais de elaborarem uma reflexão crítica que busque estabelecer um vínculo causal entre as condições sócio-econômicas da família e os motivos de os filhos se encontrarem fora da escola.
- (f) Os dados não sugerem a possibilidade de estabelecermos uma diferenciação clara dos depoimentos dos pais sobre os motivos da evasão dos filhos em função do local em que residem, zona urbana e zona rural.

4.2 PERCEPÇÕES SOBRE A ESCOLA

OS JOVENS EVADIDOS

Considerando-se que há diferenças significativas das percepções sobre a escola entre jovens residentes na zona urbana e na rural, apresentamos os principais achados em duas subcategorias:

OS JOVENS RESIDENTES NAS ZONAS URBANAS

- (a) O gênero não se constitui em determinante de diferenças das percepções dos jovens sobre a escola. Tanto os garotos como as garotas entrevistados partilham de opiniões

comuns sobre as condições físicas da escola, os seus professores e a qualidade do ensino.

- (b) As instalações físicas das escolas, segundo depoimentos de nossos entrevistados, encontram-se em condições deploráveis. Os banheiros são descritos como sem condição de uso por parte dos alunos, porque não apresentam nenhum padrão de higiene e suas instalações encontram-se quebradas. Há relatos de salas de aula nas quais faltam carteiras e, até mesmo, luz para o aluno da escola noturna. Os muros depredados, possivelmente por ação de membros da própria comunidade, expõem a fragilidade da segurança da escola à ação de marginais. Não há registro de áreas de lazer dentro da escola nos depoimentos.
- (c) Os professores são caracterizados como despreparados para o exercício do magistério, além de irresponsáveis. Muitos deles são descritos como ignorantes com os alunos e sem qualquer paciência para ensinar. Mais ainda, há relatos de professores que não parecem demonstrar qualquer compromisso com a aprendizagem da turma. A queixa de que os professores faltam excessivamente ao trabalho se constitui em uma constante nos depoimentos.
- (d) O ambiente escolar é definido, segundo o depoimento de alguns dos jovens entrevistados, como um ambiente no qual a indisciplina aparece como regra. Não parece existir, pelo menos segundo esses mesmos depoimentos, qualquer instância de autoridade no ambiente escolar capaz de restaurar a ordem.
- (e) Nenhum dos jovens entrevistados demonstrou qualquer senso crítico em relação à situação em que se encontravam as escolas em que estudavam. Simplesmente o fato de tais escolas serem públicas é razão suficiente para que apresentem os problemas descritos. Nenhum desses jovens se põe a possibilidade de reivindicar melhores condições de aprendizagem ou de questionar o comportamento de seus professores.
- (f) Os dados não sugerem a possibilidade de estabelecermos uma diferenciação dos depoimentos dos jovens sobre a escola em função do local em que residem, zona periférica e zona central da cidade do Salvador.

OS JOVENS RESIDENTES NA ZONA RURAL

- (a) Os jovens da zona rural possuem uma atitude que podemos caracterizar de positiva frente à escola, não obstante façam observações pontuais sobre alguns dos seus aspectos negativos. Entre os pontos positivos encontramos: o desempenho de alguns professores, as atividades lúdicas e a convivência com os colegas. Entre os pontos negativos encontramos: a suspensão do ensino noturno, o comportamento de alguns professores e instalações precárias.
- (b) Todos os jovens da zona rural reconhecem o valor da escola para a formação pessoal e profissional do indivíduo.

OS PAIS DE JOVENS EVADIDOS

- (a) O gênero dos filhos não parece influenciar no conteúdo das percepções dos pais sobre a escola.

- (b) A escola atual é definida pelos pais da zona urbana como por demais permissiva, em contraposição à escola de outros tempos. Os depoimentos deixam claro a discordância dos pais em relação à liberdade que é dada ao aluno na escola hoje. Também há registro de queixa de que os alunos não mais respeitam a autoridade dos seus professores.
- (c) Segundo alguns dos depoimentos de pais da zona urbana e da rural, os métodos de aprendizagem da escola moderna, possivelmente por não serem punitivos, parecem não garantir aprendizagem tão eficiente em comparação com a escola de outros tempos. Os pais parecem ainda sentir um esvaziamento do conteúdo, como se antigamente o aluno fosse requisitado a apreender mais informações do que nos dias de hoje.
- (d) Os pais de jovens da zona rural tendem a avaliar a escola de forma mais positiva do que os pais de jovens da zona urbana. Para os pais da zona rural, o grande problema atual da escola parece ser a falta de interesse dos próprios alunos.
- (e) Nenhum dos depoimentos apresenta visão crítica sobre as relações da escola dos filhos com a situação da educação em sua dimensão sócio-política. Muito pelo contrário, é patente o conformismo de alguns dos depoimentos, notadamente entre pais da zona urbana, ao se referirem à situação caótica da escola dos filhos, pelo fato de ser pública. O raciocínio parece ser: *porque é pública, a escola não tem obrigação de oferecer ensino de boa qualidade.*

4.3 PERCEPÇÕES SOBRE O FUTURO

OS JOVENS EVADIDOS

- (a) A maioria dos jovens entrevistados, independentemente do gênero e da zona em que residem, externa o desejo de voltar à escola, não obstante alguns declarem tratar-se de um desejo difícil de se realizar. Dentre aqueles que acreditam na possibilidade de voltar à escola, distinguem-se três categorias: a dos que desejam fazer um curso superior, a dos que desejam concluir o ensino básico (primeiro e/ou segundo graus) e a dos que desejam retornar à escola para adquirir somente os conhecimentos básicos de leitura e de escrita, para garantir melhor emprego ou, ainda, para não serem discriminados socialmente por não saber ler ou escrever.
- (b) A natureza heterogênea dos depoimentos dos entrevistados sobre o futuro, marcadamente dos jovens residentes na zona urbana, parece indicar a dificuldade dos jovens da população de baixa renda em definir o papel da escola na determinação do futuro de cada um. Esses jovens demonstram não possuir uma idéia muito clara de como a escola poderá influenciar nos rumos que possam vir a tomar suas vidas. Talvez isso se deva ao fato de que, muito embora sem admitir nos seus depoimentos, muitos deles não vêm o próprio futuro como resultante direto da sua escolarização. Isso é claro, por exemplo, quando abordamos as escolhas profissionais dos garotos residentes na zona rural, pelo fato de nenhuma das profissões citadas pressupor escolarização.

- (c) Os dados não sugerem a possibilidade de estabelecermos uma diferenciação clara dos depoimentos dos jovens sobre o futuro em função do local em que residem, zona urbana e zona rural.

OS PAIS DE JOVENS EVADIDOS

- (a) Independentemente de gênero e da zona em que residem, a referência ao futuro dos filhos prescinde da sua escolarização. Nenhum dos depoimentos faz referência direta ao retorno do filho à escola como etapa a ser cumprida em direção a um futuro melhor.
- (b) O discurso dos pais sobre o futuro dos filhos homens soa como a leitura do destino de cada um deles; *i.e.*, os depoimentos não trazem nenhuma expectativa de superação da situação em que vivem os filhos atualmente.
- (c) O discurso dos pais sobre o futuro das filhas mulheres traz em seu bojo um tom de incerteza quanto ao seu futuro profissional. Parece ser mais fácil definir o futuro do universo feminino em termos de planos para a vida pessoal. Alguns dos depoimentos registram, para além da preocupação normal de que não hajam desvios, o desejo de verem as garotas casarem-se e constituírem famílias.
- (d) Os dados não sugerem a possibilidade de estabelecermos uma diferenciação dos depoimentos dos pais sobre o futuro dos filhos em função do local em que residem, zona urbana e zona rural.

5 PROPOSTAS DE AÇÕES

5.1 RECUPERAR AS INSTALAÇÕES FÍSICAS DAS ESCOLAS URBANAS

É mister que nossa primeira proposta de ação seja a de recuperação das instalações das escolas públicas da zona urbana, para que possamos garantir as condições mínimas necessárias ao seu bom funcionamento. Não se trata, todavia, de simplesmente contratar empresas para que tais obras sejam realizadas. Faz-se necessário envolver a comunidade, pais e alunos, nesse processo de reconstrução. Somente com a participação de todos será possível desenvolver o senso de propriedade do público; *i.e.*, acreditamos que somente quando pais e alunos se sentirem responsáveis pela reconstrução das escolas de suas comunidades, passarão a pensar tais escolas como bens comuns a serem preservados.

Uma proposta de programa de recuperação de escolas que envolva os membros de uma comunidade em sistema de mutirão, além de possivelmente reduzir gastos, traz em si o benefício da co-responsabilidade na manutenção das instalações. Insistimos na importância de fazer com que os beneficiários do sistema educacional sintam-se os donos do espaço escolar. Necessário se faz desfazer a idéia de que as escolas públicas pertencem ao governo. É possível, mesmo, que essa nociva idéia de que as escolas não lhes pertencem esteja nas raízes das ações de vandalismo de que são alvo, freqüentemente, as escolas dos bairros de classes populares.

A viabilidade de um programa de reconstrução de escolas em sistema de mutirão pode ser pensada pela implantação de modelos de gestão participativa nas escolas, com a presença ativa das associações de moradores.

5.2 FORTALECER O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES NA IMPLANTAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS (ZONA URBANA E ZONA RURAL)

Sabemos que as organizações de moradores são entidades cada vez mais presentes e atuantes junto às populações de baixa renda. Tais associações, por meio de programas de financiamento, podem vir a se tornar grandes aliadas das políticas públicas no âmbito da educação, a saber:

- (a) As associações podem promover campanhas de conscientização sobre o valor da escola para a vida das crianças e dos jovens.
- (b) As associações podem funcionar como co-participantes do sistema de avaliação da qualidade do ensino oferecido pelas escolas.
- (c) As associações podem organizar mutirões de limpeza e de reparos a serem realizados nas escolas.
- (d) As associações podem, elas mesmas, oferecer oficinas profissionalizantes para crianças, jovens e adultos.
- (e) As associações podem tornar-se valioso instrumento de fornecimento de dados sobre a situação educacional das áreas onde estão localizadas, caso possuam condições de manter um serviço de registro de dados permanente sobre as escolas.

5.3 INSTITUIR A FIGURA DO AGENTE EDUCACIONAL (ZONA URBANA E ZONA RURAL)

Sugerimos a criação da função de agente educacional no âmbito das associações de moradores. Os agentes educacionais, selecionados entre moradores da própria comunidade, podem desempenhar, entre outras, as seguintes tarefas:

- (a) Realizar censos educacionais periódicos para alimentar um banco de dados educacionais da comunidade.
- (b) Proceder visitas periódicas às escolas da comunidade para avaliar a qualidade das suas instalações e do ensino.
- (c) Realizar reuniões periódicas com os membros da comunidade para expor os resultados de suas pesquisas e discutir soluções para os problemas apresentados.

5.4 CRIAR BOLSAS-TRABALHO (ZONA URBANA E ZONA RURAL)

Destinadas aos alunos que, necessariamente, precisam contribuir na composição da renda familiar, estas bolsas-trabalho podem se constituir em incentivo à permanência desses alunos na escola. Não se trata de pagar para que o aluno estude, simplesmente, mas de remunerá-lo para que desenvolva atividades para a própria escola e para a própria comunidade. Assim sendo, a força de trabalho dessas crianças e desses jovens poderia ser aproveitada, em regime de quatro horas diárias, para as seguintes tarefas, dentre outras:

- (i) realizar serviços de manutenção e limpeza da escola;
- (ii) realizar serviços de rotina de secretaria da escola;
- (iii) auxiliar os agentes educacionais no exercício de suas funções;
- (iv) auxiliar na execução de tarefas de rotina da associação de moradores; e
- (v) prestar pequenos serviços de relevância para a comunidade, como acompanhar idosos ou enfermos, por exemplo.

5.5 TRANSFORMAR AS ESCOLAS EM CENTROS DE RECREAÇÃO (ZONA URBANA E ZONA RURAL)

É necessário que crianças, adolescentes e pais vejam a escola não somente como lugar no qual se processa a aprendizagem de conteúdos programáticos, mas também como lugar de lazer e divertimento. É preciso que a escola seja também percebida como espaço de socialização por parte dos seus alunos e pais de alunos. Para tanto, sugerimos que:

- (a) A reconstrução das escolas contemple espaços para o desenvolvimento de atividades lúdicas e esportivas.
- (b) As atividades lúdicas e esportivas façam, efetivamente, parte do cotidiano escolar.
- (c) As escolas organizem atividades sociais nos finais de semana que congreguem toda a comunidade. Exemplos de atividades são: torneios esportivos, gincanas, festas, etc. Tais atividades devem reforçar o senso dos membros da comunidade de participarem efetivamente da vida da escola.

ANEXOS

ANEXO I

Guia Temático (Jovens Evadidos)

Dados de Identificação

Nome

Idade

Universo Familiar

Registro dos moradores da casa (idade, sexo, grau de parentesco, profissão, nível de escolaridade, ocupação atual, jornada de trabalho e renda aproximada)

Universo Social

Amizades (faixa etária, afinidades [o que os fazem amigos], frequência com que está com os amigos, o que costumam fazer quando estão juntos)

Dados sobre a Idade Escolar

Idade com que começou a frequentar a escola

Histórico de mudanças de escolas (número de vezes em que trocou de escola, razões para troca de escola, etc.)

Relato sobre a última escola que frequentou (espaço físico, número de alunos em sala, recursos didáticos e paradidáticos existentes, grau de satisfação, etc.)

Relato do último ano em que frequentou a escola

Razões para ter deixado a escola e de quem foi a culpa

Projeto de Vida do Adolescente

Planos na esfera profissional e pessoal

ANEXO II

Guia Temático (Pais Evadidos)

Dados de Identificação

Nome

Idade

A Idade Escolar do Filho

Relato da vida escolar do filho evadido como um todo (número de anos que frequentou a escola, tipo de aluno que era, relacionamento do filho na escola, rendimento escolar, execução de tarefas da escola, número de vezes que mudou de escola e razões, registro de repetência, etc.)

Relato da vida escolar do filho no último ano que frequentou a escola (comportamento em sala, rendimento escolar, comportamento social, se houve alguma mudança de comportamento do filho naquele ano no plano familiar e/ou social, etc.)

Grau de satisfação dos pais para com os serviços da escola que o filho frequentava até a data da evasão

Elaboração sobre as razões de o filho ter evadido

Atitude frente à evasão escolar do filho na época em que ocorreu (foi uma atitude discutida em família, como se sentiram todos, etc.)

Projeto dos Pais para o Futuro do Filho

Projeto na esfera profissional

Projeto na esfera pessoal

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Aldenice A. (coord.) *A prática pedagógica e o fracasso no cotidiano das escolas públicas de 1º grau em Manaus.*— Manaus: FUAM, 1990. 170 p.
- CHAKUR, Cilene. Desenvolvimento cognitivo e educação escolar: as condições do menor trabalhador. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.40, n.3, p.230-34, mar. 1988.
- ESTEBAN, Maria Tereza. Repensando o fracasso escolar. *Caderno CEDES*, Campinas, n.28, p.75-86 19XY.
- GAMA, Elisabeth Maria P. *et alli*. As percepções sobre a causalidade do fracasso escolar no discurso descontente do magistério. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.72, n.172, p.356-84, set./dez. 1991.
- GOMES, Celma. Alternativas educacionais dos pobres. *Cadernos CEAS*, Salvador, n.97, p.40-46, mai./jun. 1985.
- LARA, Luiza C. e LAGOA, Ana. Por que as crianças não gostam da escola? *Nova Escola*, São Paulo, v.5, n.43, p.22-25, out. 1990.
- LAZARROTO, Vera Maria M. *A educação popular em classes de 1ª à 4ª séries do 1º grau em Novos Alagados* — um estudo de caso.— Salvador: UFBA, 1990. Dissertação de mestrado.
- LEITE, Antonio S. O fracasso escolar no ensino de primeiro grau. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.69, n.163, p.510-40, set./dez. 1988.
- LINHARES, Celia S. Trabalhadores sem trabalho e seus professores: um desafio para a formação de docentes. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.73, p.105-130, jan./abr. 1992.
- MAGALHÃES, Adélia P. (coord.) *Multirepetência: gênese e possibilidade de superação no cotidiano escolar. Relatório de Pesquisa.*— Salvador: 1995. mimeo. Convênio com a Fundação Ford e CNPq.
- MARIZ, Cecília. A criança carente vista por suas professoras. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n.53, p.69-70, mai. 1985.
- PATTO, Maria Helena. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.*— São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. 385p.
- SOUZA, Marilene *et alli*. A questão do rendimento escolar: subsídios para uma nova reflexão. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.15, n.2, p.188-201, jul./dez. 1989.
- TEIXEIRA, Maria Cecília S. Escola: exclusão e representação — notas para uma reflexão. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.18, n.1, p.20-32, jan./jun. 1992.
- VALENTE, Edna. B. Os filhos pródigos da educação pública: um estudo sobre os evadidos da escola pública num bairro periférico do município de Santarém. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.72, n.172, p.397-400. set./dez. 1991.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)